

PERCEÇÃO DAS FAMÍLIAS ACERCA DA FIGURA MASCULINA COMO EDUCADOR DE INFÂNCIA

Augusto Brasão Cardoso Pinto de Queiroz

Prova destinada à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a
Docência em Educação Pré-Escolar

Fevereiro 2025

ISEC LISBOA | INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Escola de Educação e Desenvolvimento Humano

Prova destinada à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

PERCEÇÃO DAS FAMÍLIAS ACERCA DA FIGURA MASCULINA COMO EDUCADOR DE INFÂNCIA

Autor: Augusto Brasão Cardoso Pinto de Queiroz

Orientador: Professor Doutor José Reis Jorge

Fevereiro 2025

Agradecimentos

Este relatório e todo o percurso académico só foram viáveis graças à presença e contribuição de diversas pessoas, por conseguinte agradeço ...

A Deus por me ter dado saúde e forças mesmo quando parecia não as ter.

Aos meus pais, Augusto e Cristina, pelo apoio incondicional, pelos valores que me transmitiram e pela vontade de seguir esta área, sendo a minha mãe educadora de infância foi a minha grande inspiração ao longo destes anos.

À minha irmã Mariana, que me encorajou e ajudou mesmo em alguns trabalhos mais manuais e plásticos que o curso me proporcionou.

Aos meus avós, Esmeralda e José, que com a sua doçura e carinho me deram coragem para concluir este curso, também com a sua sabedoria e por serem antigos docentes, transmitiram-me valores de partilha e entrega ao próximo, essenciais na educação.

À minha namorada Bruna, que me acompanha há muitos anos, agradeço o amor e o ânimo que sempre me transmitiu, sem ela este percurso tinha sido obviamente mais solitário e complicado, uma vez que fez parte da minha turma durante todo o curso. Acompanha-me e celebra comigo as minhas conquistas como se as delas se tratassem é um ser humano extraordinário, tenho imensa sorte em caminhar lado a lado com ela.

A todos os meus amigos que muitas vezes sentiram a minha ausência, mas nunca deixaram de apoiar.

A todos os meus colegas de turma, principalmente ao Santiago por ter-se tornado uma referência de educador masculino, e às incansáveis Mariana Nunes e Raquel Rebelo que fizeram parte do meu grupo mais chegado de amigos.

Às educadoras do Jardim das Brincadeiras Filipa, Liliana e Teresa, e da Assistência Paroquial de Santos-o-Velho Catarina e Rita, que me acompanharam ao longo da minha Iniciação à Prática Profissional. Todas elas concederam-me ensinamentos e mostraram-me formas diferente de ver a educação.

À Maria Tomaz que com toda a sua sapiência fez parte da minha evolução, fez-me pensar profundamente sobre o que é educar e acreditou sempre em mim, dando-me também a oportunidade de trabalhar num jardim de infância.

Ao educador Fábio que prontamente me ajudou a entrar em contacto com alguns educadores do norte e sul do país, aspeto fundamental para realizar o estudo de investigação.

À professora Ana Barqueira que me ajudou bastante na parte estatística do presente trabalho.

Por fim ao Professor Doutor José Reis Jorge que foi incansável ao acompanhar-me na realização deste Relatório Final de Mestrado, desde a primeira à última palavra.

Resumo

Este Relatório Final de Mestrado, realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, representa o culminar de um percurso de crescimento pessoal e profissional, desenvolvido ao longo dos últimos cinco anos no Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC Lisboa).

A escolha do tema — “Perceção das famílias acerca da figura masculina como educador de infância” — surgiu da experiência pessoal do investigador, que, apesar da paixão pela educação, sentiu-se deslocado em um meio predominantemente feminino. A investigação teve como objetivo compreender as razões para a baixa representatividade masculina na área e explorar as perceções das famílias sobre a presença de educadores do sexo masculino.

O estudo adota uma abordagem quantitativa, centrando-se na opinião das famílias, um dos principais agentes na formação das crianças. Através da aplicação de um questionário, procurou-se compreender como as famílias percebem a presença de educadores masculinos, os fatores que influenciam essas perceções e as diferenças de opinião entre famílias com e sem experiência de contato com educadores de infância homens.

Os resultados do estudo revelam que ainda existem estereótipos e preconceitos associados à figura masculina, sendo possível identificar barreiras culturais e sociais que dificultam a entrada e permanência dos homens educadores. O relatório conclui que a valorização da presença masculina na educação de infância pode contribuir para um ambiente educativo mais equilibrado e representativo, beneficiando o desenvolvimento das crianças.

Palavras-chave: Educação pré-escolar, Educadores Homens, Igualdade de género, Sociedade

Abstract

This Final Master's Report, carried out as part of the Master's Degree in Pre-School Education, represents the culmination of a journey of personal and professional growth, developed over the last five years at the Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC Lisbon).

The choice of topic - “Families' perceptions of the male figure as an early childhood educator” - arose from the personal experience of the researcher, who, despite his passion for education, felt out of place in a predominantly female environment. The research aimed to understand the reasons for the low male representation in the area and to explore families' perceptions of the presence of male educators.

The study adopts a quantitative approach, focusing on the opinion of families, one of the main agents in the upbringing of children. Through the use of a questionnaire, we sought to understand how families perceive the presence of male educators, the factors that influence these perceptions and the differences in opinion between families with and without experience of contact with male educators.

The results of the study show that there are still stereotypes and prejudices associated with the male figure, and it is possible to identify cultural and social barriers that make it difficult for male educators to enter and remain. The report concludes that valuing the presence of men in early childhood education can contribute to a more balanced and representative educational environment, benefiting children's development.

Keywords: *Pre-school education, Male educators, Gender equality, Society*

Índice geral

Introdução	1
1. Fundamentação teórica	3
1.1 Evolução da Educação de Infância em Portugal – preponderância da figura feminina	3
1.2 Ponto de viragem, inclusão do homem na educação de infância	5
1.3 Obstáculos à presença da figura masculina na educação de infância.....	9
1.3.1 Família e amigos.....	10
1.3.2 Contexto escolar	11
1.3.3 Sociedade.....	12
1.3.4 Maior visibilidade.....	12
1.3.5 Higiene	13
1.3.6 Pedofilia/homossexualidade	14
1.4 Vantagens da presença masculina na educação de infância	16
1.4.1 Maior reconhecimento do papel do homem como educador de infância	17
1.4.2 Vistos como mais práticos e corajosos	17
1.4.3 Transformam obstáculos em desafios.....	18
1.5 Soluções para aumentar o número de educadores homens.....	19
1.5.1 Mudança de mentalidade da sociedade	20
1.5.2 Formação a professores e equipas pedagógicas	22
1.5.3 Maior leque de informação científica	22
2. Problematização e metodologia.....	24
2.1 Problema, objetivos e questões de investigação	24
2.2 Metodologia do estudo	25
2.3 Amostra	26
2.4 Instrumentos de recolha de dados.....	28

2.5	Procedimentos de tratamento e análise de dados.....	29
2.6	Questões éticas	31
3.	Resultados.....	32
3.1	Identificação de diferenças significativas entre o grupo de crianças com educador feminino e masculino	32
3.2	Cruzamento dos itens com as variáveis sócio demográficas	33
3.3	Nuvens de palavras	35
3.3.1	Principais características dos educadores de infância masculinos	35
3.3.2	Perceção das famílias comparativamente entre os educadores homens e mulheres... ..	40
4.	Discussão dos resultados	45
	Considerações Finais	48
	Referências Bibliográficas.....	51
	Anexos.....	54

Índice de tabelas

Tabela 1- Número de educadores Homens.....	8
Tabela 2- Identificação de diferenças significativas para nove itens nos grupos de respondentes com crianças com educador feminino e masculino.....	33
Tabela 3- Identificação de diferenças nos 9 itens para cada variável sócio demográfica..	34
Tabela 4- Primeira impressão ao saber que ia ser um educador Homem.....	36
Tabela 5- Aspectos positivos da experiência com educadores masculinos.....	38
Tabela 6- Aspectos negativos da experiência com educadores masculinos.....	40
Tabela 7- Deveria haver mais homens na educação de infância?.....	41
Tabela 8- Preferia entregar o seu filho/a um educador homem ou mulher?.....	43

Índice de figuras

Figura 1- Primeira impressão ao saber que ia ser um educador Homem.....	36
Figura 2- Aspectos positivos da experiência com educadores masculinos.....	37
Figura 3- Aspectos negativos da experiência com educadores masculinos.....	39
Figura 4- Deveria haver mais homens na educação de infância?.....	41
Figura 5- Preferia entregar o seu filho/a um educador homem ou mulher?.....	43

Índice de anexos

Anexo 1- Questionário referente às famílias com educadores homens.....	555
Anexo 2- Questionário referente às famílias com educadoras mulheres.....	58
Anexo 3- Gráfico do gênero do educador dos filhos/educandos dos inquiridos.	61
Anexo 4- Gráfico referente à região geográfica dos inquiridos.	61
Anexo 5- Gráfico referente à faixa etária dos inquiridos.	61
Anexo 6- Gráfico referente à figura parental dos inquiridos.....	62
Anexo 7- Gráfico referente às habilitações literárias dos inquiridos.....	62
Anexo 8- Gráfico referente à valência que os filhos/educandos frequentam ou frequentaram.....	62

Introdução

A execução deste Relatório Final de Mestrado marca o ponto alto de um percurso de crescimento e amadurecimento, tanto pessoal como profissional, desenvolvido ao longo dos últimos cinco anos. Durante esse período de dedicação e compromisso, pude refletir sobre a prática docente, construir e consolidar uma visão muito própria sobre a Educação.

Este trajeto, realizado no Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC Lisboa), preparou-me para a vida profissional, primeiro na Licenciatura em Educação Básica onde criei bases sobre o conceito de Educar e, mais tarde, no Mestrado em Pré-Escolar, especializando todo o meu conhecimento.

Durante este longo caminho acabei por me sentir deslocado e num lugar que não era aparentemente o meu, resultado de as turmas serem constituídas essencialmente por mulheres, no entanto, sem nunca perder o ânimo e a paixão pela educação. Foi durante a Iniciação à Prática Profissional (IPP) que esse sentimento aumentou, não por ter sofrido qualquer tipo de preconceito, mas por achar que estava sozinho num meio maioritariamente de mulheres, fator que constituiu o ponto de partida para o presente estudo de investigação.

A escolha do tema de estudo acaba por ser o culminar de uma etapa académica, sendo algo que sempre me despertou curiosidade, acabando por nunca aprofundar e pesquisar. Assim, o tema escolhido para este Relatório Final de Mestrado foi: “Perceção das famílias acerca da figura masculina como educador de infância”, tentando perceber o porquê da predominância feminina na profissão.

A importância do tema advém do facto da maior parte dos estudos já existentes se centrarem essencialmente nas perspetivas e nas experiências dos próprios educadores masculinos. O presente estudo visa contribuir para preencher uma lacuna na literatura empírica na medida em que centra a atenção na sociedade, mais especificamente nos pontos de vista e experiências das famílias enquanto elementos diretamente envolvidos na educação das crianças. O presente relatório é o resultado de uma investigação quantitativa realizada com base na administração de um questionário realizado a dois grupos de famílias: com e sem experiência de educadores masculinos.

A sociedade, onde estão incluídas as famílias, não vê com bons olhos os homens educadores de infância. Quis perceber e compreender o porquê, daí terem surgido as

seguintes questões de investigação: De que forma as famílias com e sem experiência de crianças com educadores de infância masculinos percecionam a presença de educadores de infância masculinos?; Quais são os principais fatores que influenciam as opiniões dessas famílias acerca da figura masculina como educador de infância?; Que diferenças existem nas perceções das famílias com e sem experiência de crianças com educadores de infância masculinos relativamente à figura masculina como educador de infância?

Os objetivos do estudo foram os seguintes: Conhecer as opiniões das famílias relativamente à figura masculina como educador de infância; Entender as perceções das famílias acerca da experiência das crianças com um educador de infância masculino; Comparar as opiniões das famílias com e sem experiência de crianças com educadores de infância masculinos.

Para simplificar a compreensão e leitura deste relatório, o mesmo encontra-se organizado e dividido por capítulos:

- Primeiro capítulo, a Fundamentação teórica, é dedicado à revisão da literatura do tema de investigação. Neste capítulo é abordada inicialmente a evolução da educação de infância em Portugal. Também são apresentados obstáculos e vantagens que o homem sente na profissão, assim como o motivo para a baixa existência de educadores masculinos e respetivas soluções, de forma a que este número possa aumentar.
- No segundo capítulo é apresentada a problematização, os objetivos, as questões e a metodologia de investigação, onde é abordada a forma como a investigação irá decorrer;
- O terceiro capítulo é referente aos Resultados, em que são apresentados e analisados os dados recolhidos;
- No quarto e último capítulo são discutidos os resultados do estudo;
- Considerações finais correspondem ao último ponto do Relatório, são respondidas as perguntas de investigação e são apresentadas as conclusões.

Espera-se que os resultados do estudo apresentado neste relatório possam contribuir para a discussão do papel da figura masculina como educador de infância especialmente no que respeita à sua aceitação em termos sociais.

1. Fundamentação teórica

1.1 Evolução da Educação de Infância em Portugal – preponderância da figura feminina

A Grécia pode ser considerada o berço da pedagogia, pois foi neste pequeno país que nasceram as primeiras ideias acerca da ação pedagógica. Mas quando nos focamos, apenas na educação de infância, vamos ao encontro das ideias de Friedrich Wilhelm Froebel (1782-1852) citado por Baliscai & Saito (2021). Pedagogo que originou o termo Kindergarten, dado às escolas de crianças com idade inferior a 6 anos. Este termo surgiu no início do século XIX, na Alemanha, numa das suas obras, onde comparou a educação de infância a uma jardineira a cuidar das suas plantas. A palavra “jardim” associa as crianças às sementes, numa metáfora que sublinha a necessidade do cultivo e dos cuidados para o desenvolvimento. Os mesmos autores (2021), afirmam que o ponto de vista de Froebel está relacionado com o género, este avança que as mulheres seriam as profissionais mais talhadas para trabalhar nos jardins de infância, uma vez que a maternidade era o mais importante, pois simbolizava o cuidado e o afeto presente nas jardineiras/educadoras. Este pequeno, grande pormenor ajuda-nos a compreender o porquê de termos, ainda hoje, a prevalência de mulheres na educação de infância.

Em Portugal a educação, principalmente a educação de infância também era vista primordialmente como algo relacionado e direcionado para as mulheres. O que vai ao encontro das obras de Cardona (1997), Sarmento (2001) e Seco (2015), que afirmam que a educação de infância está intimamente ligada ao ato de cuidar, e daí à maternidade, logo relacionado com as mulheres. Em (2008), Cortez concordou que o “care” e o afeto estão associados a serviços femininos e que são de vocação e de ocupação natural das mulheres, desprofissionalizando por completo a profissão. A história mostra a figura do homem como sujeito rude, sem controle, rígido, disciplinador. Desta forma, a construção da profissão de educador de infância esteve diretamente relacionada ao género feminino desde a sua origem. (Lopes, 2015; Monteiro, 2014)

Histórica e culturalmente, foi se criando a ideia de que a mulher era a figura mais adequada para atuar com crianças, por, supostamente, ter habilidades imprescindíveis.

Diferentemente dos homens, as mulheres são ensinadas desde a infância a prepararem-se para serem mães. Contudo esquecem-se, socialmente, que a paternidade é

tão importante quanto a maternidade, e que os homens podem desempenhar essa função de forma eficiente. (Baliscei & Saito, 2021)

Essas ideias e forma de ver a educação foram sofrendo alterações ao longo dos anos e nos dias de hoje está completamente diferente. Vamos então conhecer os marcos do percurso da educação e da grande evolução que teve no nosso país.

As mulheres, ao longo dos vários séculos de história, como afirma Seco (2015), foram vistas sempre com muita inferioridade, aquando comparadas aos homens. Todas as conquistas eram muito demoradas, ainda assim acabavam por chegar. Como é o caso da criação das primeiras escolas femininas em 1790, por ordem da Rainha D. Maria I, primeira mulher a ocupar o trono de Portugal, onde de conquista a conquista as mulheres foram ganhando cada vez mais destaque.

Entraram no mercado de trabalho no início do século XIX, mas foi sobretudo a meados desse mesmo século, com a revolução industrial, que as mulheres ganharam destaque, ainda que de maneira discreta. Segundo Vasconcelos (2012, citados por Seco, 2015, p. 5) com esta entrada, surgiram ordens religiosas e as primeiras casas da Misericórdia direcionadas para assistência e cuidados a crianças mais novas. Estes autores afirmaram ainda que o objetivo primordial da educação de infância na altura era o apoio à família e não à criança, vista como um Homem em ponto pequeno. O que vai ao encontro do que explica Sarmiento (2001), onde afirma que os primeiros centros de acolhimento de crianças foram de teor assistencial para crianças órfãs ou abandonadas e, mais tarde, como serviços de apoio às famílias na guarda das crianças, quando começou o desenvolvimento da industrialização. Com a elevada entrada das mulheres no mercado de trabalho e consequentemente com o aumento da preocupação de onde deixar as crianças, foi inaugurado o primeiro Jardim de Infância em Portugal, no dia 21 de Abril de 1882. À semelhança do que já tinha acontecido a 28 de junho de 1840, na Alemanha, quando Frobel fundou o primeiro Kindergarten do mundo. (Vilhena, 1997)

No século XIX, para além da importância dada à educação das crianças ser ainda muito reduzida, também a sua responsabilidade era atribuída às mulheres. Segundo Cardona (1997) e Seco (2015), em 1896 foi decretado que nos jardins de infância só deveriam existir pessoas do sexo feminino, devidamente habilitadas e com formação. Esta era uma das poucas formas socialmente aceites para as senhoras trabalharem fora de casa.

Desta medida em diante, a total responsabilidade da educação das crianças ficou, exclusivamente, a cargo das mulheres, fechando-se assim as portas aos homens que eventualmente estivessem interessados em ingressar na profissão. Estas medidas criaram uma tradição social, com pouco espaço para mudança. (Seco, 2015)

Com a chegada da primeira República em 1919, a educação pré-escolar adquire um estatuto específico no sistema oficial de ensino, dá-se então a reforma no ensino, e o Ministério da Educação passa a integrar a educação de infância no ensino primário oficial. (Oliveira, 2012). A educação passa a ter como finalidade o “desenvolvimento integral, físico, moral e intelectual das crianças, desde os 4 aos 7 anos de idade, com o fim de lhes dar um começo de hábitos e disposições, nos quais se possa apoiar o ensino regular da escola primária” Cardona (1997, p. 36), sendo que houve portanto uma escolarização precoce, que ia ao encontro do lema republicano de “instruir o povo”.

O fim da primeira República e consequentemente o início da ditadura trouxe algumas mudanças e muitos retrocessos, fecharam-se as instituições infantis públicas, transferindo-se a responsabilidade do cuidar das crianças para as famílias e/ou instituições privadas. (Oliveira, 2012)

Salazar afirmava, que “as principais ocupações das mulheres devem ser as tarefas domésticas e tomar conta dos filhos” Cardona (1997, p. 48), reforçando ainda mais o papel feminino na educação de infância, verificando-se novamente a atribuição da responsabilidade pela educação das crianças às mães/mulheres, sendo que aos homens era atribuído o papel de sustento da família.

Segundo Sarmiento (2009) e (Cardona, 1997) a educação de infância ficou a cargo da assistência social e da iniciativa privada, havendo um aumento de escolas ligadas ao movimento católico: Associação de Jardins-Escola João de Deus; Instituto de Educação Infantil; Escola de Educadoras de Infância; Escola de Educadoras de Infância de Nossa Senhora da Anunciação; Escola de Educadoras de Infância Paula Frassinetti.

1.2 Ponto de viragem, inclusão do homem na educação de infância

Após o 25 de Abril de 1974, surgiram diversas instituições para a educação pré-escolar a partir de movimentos populares e ordens religiosas, dando resposta aos problemas sociais vividos na época. Segundo Margalha (2009, citado por Santos et al., 2022, p. 3), a designação de “educador de infância” foi formalizada no país, abrindo assim espaço ao homem na educação, uma vez que durante a ditadura estiveram impedidos de

desenvolver atividades profissionais consideradas femininas. O início da democracia marcou a abertura dos cursos de educação pré-escolar ao sexo masculino, originando também um maior ingresso das mulheres no mercado de trabalho. (Oliveira, 2012; Seco, 2015)

Há quatro décadas atrás, quando se formou o primeiro educador homem em Portugal, segundo Seco (2015), a sociedade em geral pensava que a profissão se destinava a jovens do sexo feminino, que ainda não tinham família criada ou que não sabiam fazer mais nada. Pensamento retrógrado que dificultava e muito a iniciação do educador masculino na educação de infância e também desprestigiava por completo a profissão. Três anos depois em 1977, é criada a primeira rede de Jardins de infância públicos, aprovada na Lei 5/77 de 1 de fevereiro, esta data marca o início da existência de duas redes institucionais. (Seco, 2015). Passados quatro anos em 1981, os educadores de infância criam a primeira associação, a APEI (Associação de Profissionais de Educação de Infância). Podemos então observar que neste curto espaço de tempo existiram muitas mudanças levando à evolução da educação em Portugal. (Seco, 2015)

De uma lei para a outra a educação em Portugal foi melhorando, em 1986 é apresentada a Lei de Bases do Sistema Educativo, lei n.º 46/86 de 14 de outubro, que viria definir a educação pré-escolar até aos dias de hoje. Passaram a ser abordados modelos pedagógicos e de modelos curriculares, que “pressupunha valores e teorias científicas subjacentes, características ao nível de espaço e tempo, conteúdos e métodos utilizados e metodologias de avaliação” Vasconcelos (2012, p.20, citado por Seco, 2015, p. 35).

O número de educadores de infância homens foi aumentando desde o fim da ditadura, ainda que lentamente. Mas foi já no início do século XXI que o aumento foi maior e muito se deveu às medidas ocorridas no final da década de 90. O período de 1995-97 foi de grande impulso para a educação pré-escolar com o aumento da rede pública de jardim de infância e com a criação da Lei-Quadro da Educação Pré-escolar, lei n.º 5/97 de 10 de fevereiro, que veio consagrar o ordenamento jurídico a este nível de educação. Veio também dar importância à família no processo de educação dos seus filhos, havendo assim um trabalho de equipa. (Seco, 2015)

Isto coincidiu com a uma maior participação dos homens na vida privada, na responsabilidade com os filhos e divisão de trabalho no que concerne às atividades

domésticas, uma vez que as mulheres começaram a ter uma maior participação na vida pública e no mercado de trabalho. (Lopes, 2015; Machado, 2022)

A Lei-Quadro veio também definir a educação pré-escolar como primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida. (Oliveira, 2012). A educação pré-escolar foi oficialmente definida como o lugar de desenvolvimento de atitudes e de aprendizagem da linguagem, de expressão artística e de um conhecimento geral do mundo. (Dionísio & Pereira, 2006)

Em 1997 foram também criadas as OCEPE (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar), que vieram definir um quadro de referência para os/as educadores/as, com bases científicas e na experiência prática. No ano seguinte, com o Decreto-Lei n.º 255/98 de 11 de agosto, passou a haver exigência de grau universitário para todos os educadores de infância, à semelhança do que acontecia já com os professores de todos os outros graus de ensino. (Dionísio & Pereira, 2006)

Decreto-Lei que determinou que a formação de professores passasse a ser de nível superior, proporcionando aos educadores e professores de todos os níveis de educação e ensino, a informação, os métodos e as técnicas científicos e pedagógicos de base, bem como a formação pessoal e social adequada ao exercício da função. (Pires, 2013). Num estudo realizado por Nogueira (2017), a opinião geral da sociedade percebida pelos entrevistados, era de que antes se questionava socialmente a profissão de educador e a necessidade de um curso universitário para desempenhar a função, o que deixou de acontecer pois as pessoas ficaram mais confiantes e esclarecidas.

Com todas estas mudanças começou a haver mais acreditação e um pouco mais valorização da profissão de educador de infância. Ser educador passou a ser mais profissional e idêntico a um professor primário e/ou secundário, o que acabou por levar também à desmistificação do homem na educação de infância. (Baliscei & Saito, 2021; Pires, 2013)

A designação do perfil específico do educador de infância equipara-o à carreira docente, portanto definindo-se um público-alvo (dos 0 aos 6 anos). O desenvolvimento do currículo define a atuação em três âmbitos: na Gestão do Ambiente Educativo; na Observação, Planificação e Avaliação; e na Relação e Ação Educativa. Tal clarifica que o educador mobiliza o conhecimento e as competências necessárias no âmbito da expressão, da comunicação e do conhecimento do mundo. (Oliveira, 2012)

A educação mudou, e mudou para melhor, ainda existe um longo caminho a percorrer, mas já se consegue ver luz ao fundo do túnel. Segundo Sayao (2005, citado por Lopes, 2015, p. 45), apesar do cuidar e educar serem considerados, historicamente, papéis preponderantemente femininos, os educadores homens, da mesma forma que as educadoras, são capazes de aprender a função de ser docente, mesmo que de maneira distinta, visto não existir uma única forma. Indo ao encontro de Dubar (1998, p.245, citado por Sarmiento, 2001, p. 106), afirmando que “Não existe nenhum modelo universal do que deve ser uma profissão”.

A presença masculina na educação de infância começa a ser uma constante e começasse a perceber socialmente que os educadores homens também podem usufruir do afeto, carinho, cuidado e respeito, uma vez que são características próprias do ser humano. (Cortez, 2008; Lopes, 2015)

Isto vai ao encontro do que afirma Machado (2022), dizendo que na educação de infância o cuidado deve ser realizado de forma profissional, não sendo relevante se é realizado por um homem ou por uma mulher. Para se chegar a tais afirmações foi preciso percorrer um longo caminho, uma evolução que demorou anos a ser conseguida, tal como podemos observar na tabela 1.

Tabela 1

Número de educadores Homens

Anos	Homens Educadores	Total		Anos	Homens Educadores	Total
1964	X	363		1998	73	13.525
1969	X	584		2000	276	15.437
1974	37	1.667		2002	281	16.194
1976	61	1.903		2004	288	16.708
1978	85	3.243		2006	347	18.213
1980	98	4.167		2008	616	18.242
1982	114	5.528		2010	490	18.380
1984	161	6.039		2012	244	17.628
1986	85	6.408		2014	138	16.143
1988	138	7.180		2016	151	16.002
1990	101	7.737		2018	157	16.065
1992	94	9.655		2020	157	16.611
1994	-	9.903		2022	170	17.260
1996	-	11.262		2024	-	-

Fonte: EDUSTAT (2024). <https://www.edustat.pt/indicador?id=446>

Ao analisarmos a tabela 1, podemos observar que antes do 25 de abril de 1974 existia um número muito reduzido de educadores, sendo que apenas depois da revolução é que se começaram a ver homens na educação de infância, comprovando que já havia homens com vontade e vocação para o exercício da profissão. O número geral de educadores também disparou, principalmente no ano seguinte a abrirem jardins de infância públicos, em 1978. Continuou a aumentar até 2010, sendo que ficou praticamente estagnado até aos dias de hoje. Observamos também uma subida gradual dos homens educadores até 1998, com algumas oscilações. Em 2000 praticamente quadruplicou, sendo que o número máximo registou-se no ano de 2008, com 616 educadores homens. Depois desse ano veio uma descida progressiva até 2014, onde se estagnou até aos dias de hoje.

Em Portugal os números falam por si, mas no resto do mundo o panorama repete-se. Segundo Stromsquist (2012, citado por Monteiro, 2014), em dados recolhidos da UNESCO em 2008, na maioria dos países, o número de mulheres graduadas na área da educação superava 70%, em comparação à percentagem de homens. Mas quando nos focamos na educação de infância o cenário fica ainda pior, havendo uma maior discrepância entre os homens e as mulheres.

O equilíbrio é a base para tudo na vida e com equilíbrio de género na educação esta torna-se mais completa e com mais qualidade para as crianças, que são o principal foco. "Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender", Paulo Freire (1996, citado por Machado, 2022).

Como foi referido e com base nos dados observados a educação e a sociedade estão a mudar, mas apenas, quando fotografias com homens a carregar armas tornarem-se raras, e por outro lado fotografias com homens a empurrar carrinhos de bebé tornarem-se comuns, saberemos que o caminho foi bem percorrido, tal como afirma Baliscai & Saito (2021).

1.3 Obstáculos à presença da figura masculina na educação de infância

Em Portugal, segundo Nogueira (2017), no artigo 9.º da Constituição da República Portuguesa (Lei Constitucional n.º 1/97 de 20 de setembro), indica-se como objetivo primordial do estado “promover a igualdade entre homens e mulheres”. Ainda assim, no campo educacional o determinismo biológico ainda está bastante presente, a mulher é dominante no trabalho dentro das instituições de infância. (Machado, 2022)

Isto porque, tal como já foi abordado anteriormente, a crença da sociedade é de que o cuidar é visto como trabalho feminino, ligado à maternidade uma vez que as mulheres em geral são mais delicadas e cuidadosas. Já o homem socialmente é rotulado como o “chefe” de família, e que deve ocupar cargos altamente intelectuais, visto também com comportamentos mais rudes, falta de sensibilidade que o distanciam do afeto presente na educação de infância. (Lopes, 2015; Machado, 2022). Acrescentam ainda que há uma resistência na aceitação do homem na educação de infância, uma vez que causa estranheza e dúvidas, como se somente as mulheres fossem aptas a exercer tal profissão.

Independentemente disso os homens entraram e continuaram a entrar na educação de infância, mas com esta chegada acabam por deparar-se com obstáculos, mas também algumas vantagens.

Vivemos numa cultura cheia de preconceitos, e os homens na educação de infância são conotados como inapropriados e fora de lugar, desempenhando um papel feminino, gerando muitas vezes pensamentos negativos. (Machado, 2022)

A situação não é fácil para o homem educador, que inicia a docência com tantos obstáculos pela frente, sendo que a grande maioria deles estão relacionados com a sociedade. (Lopes, 2015)

No entanto também existem impedimentos desassociados diretamente ao olhar da sociedade que desprestigiam a profissão de educador de infância: como os baixos salários; as condições inadequadas de trabalho; o baixo estatuto da profissão; a elevada feminização na educação de infância e a sobrecarga de trabalho que muitas vezes se estende para casa. (Baliscei & Saito, 2021; Lopes, 2015)

1.3.1 Família e amigos

Os familiares e amigos, pessoas mais próximas que os educadores homens têm, supostamente têm de estar a seu lado e ajudar incondicionalmente, mas isto não é assim tão linear, uma vez que nem sempre apoiam e concordam com a escolha profissional. Como podemos constatar no artigo de Sarmiento (2001), onde afirma que os educadores sofreram grandes pressões familiares, havendo uma recusa por partes dos seus pais a aceitarem que os filhos seguissem uma profissão “de mulheres”, pois tinham outros voos e expectativas. O que vai ao encontro do que avançam Santos et al. (2022) e Oliveira (2012), dizendo que os familiares, apesar de demonstrarem apoio, não viam com bons olhos esta escolha causando-lhes estranheza e desconforto.

A descreditação nos homens educadores por parte dos seus entes queridos e amigos, ao contrário do que deveria acontecer está presente e desvalorizam também o curso de educador de infância em si, comparativamente com outro. Revelam, assim, a existência de preconceitos sociais traduzidos com atitudes discriminatórias por parte dos seus próprios familiares, pares de profissão e empregadores. (Cortez, 2008; Oliveira, 2012)

1.3.2 Contexto escolar

Das famílias ao contexto escolar vivido nas próprias instituições as desvantagens em ser homem na educação de infância continuam. Num estudo realizado por Santos et al. (2022), os homens entrevistados aludiram a vários obstáculos, nomeadamente o facto de não serem aceites dentro da comunidade escolar em geral.

Dessa forma e segundo o relatório de investigação de Nogueira (2017), os homens educadores vivenciam uma espécie de período experimental antes de serem efetivamente aceites. Esse período experimental geralmente ocorre sempre que existe uma mudança de instituição por parte do docente, tendo este uma carreira de 20 anos ou começado recentemente a exercer. Opinião expressa por um educador masculino entrevistado na dissertação de Monteiro (2014), onde acrescenta que o homem educador é um “suspeito” permanente.

Dentro desta resistência, nas instituições, quem apresenta maior oposição são as auxiliares, existindo, segundo os educadores participantes alguma falta de formação, levando a essa falta de abertura. (Nogueira, 2017)

A educação de infância, caracteriza-se por valores, atitudes, comportamentos, gírias, rotinas e simbolismos dos quais os homens se sentem relativamente excluídos. Nos estudos de Cortez (2008) e Santos et al. (2022), a maioria dos participantes enuncia aspetos que os fazem sentir isolados deste universo feminino, relacionados com: a não utilização de vestuário específico e a distância em “conversas de mulheres” havendo uma separação entre sexos, mesmo que involuntária.

Para além da receção aos educadores homens e das características inerentes à profissão, existem ainda enormes pressões para que ocupem cargos de gestão/direção escolar e/ou salas com crianças mais velhas. (Monteiro, 2014; Sarmiento, 2001). O encaminhamento e o estímulo para assumir salas com crianças mais velhas é recorrente e

uma das justificações é a possibilidade de maior sucesso, com os mais crescidos, salientando a autoridade masculina como pretexto.

1.3.3 Sociedade

A sociedade, vista de um modo geral, é a principal responsável da existência de haverem desvantagens para os homens educadores de infância. Segundo Jaeger et al (2017, citado por Machado, 2022, p. 33), os média são os grandes influenciadores da sociedade, os meios de comunicação moldam ideias e refletem negativamente criando desconfiança e questionamentos no que diz respeito ao homem na educação.

Existe também uma grande falta de reconhecimento social da importância da profissão, os políticos que estão no topo do país, não tanto por influenciarem diretamente como os média, mas por tomarem decisões e criarem leis, têm responsabilidade na desigualdade e no desprestígio que subsiste na educação de infância. Os profissionais da docência de outros níveis de ensino são mais valorizados a vários níveis, não encarando os educadores de infância como agentes educativos, acabando assim por influenciar toda uma sociedade. (Cortez, 2008)

1.3.4 Maior visibilidade

A sociedade cria uma maior visibilidade sobre o educador masculino comparativamente à educadora feminina o que se torna desvantajoso. Os erros ou sucessos dos homens são mais notados do que os das mulheres, recaindo assim sobre eles expectativas mais elevadas para um desempenho de excelência ou então de insucesso, por inaptidão inerente ao seu género. Esta maior visibilidade, segundo Santos et al. (2022), resulta em pressões para o desempenho dos educadores homens, podendo estes sentirem-se desconfortáveis e incompetentes não realizando da melhor forma a profissão.

A maior visibilidade dos homens, ocorre devido à sua baixa representatividade na profissão, tendo estes que viver com alguma pressão e necessidade de provar as suas competências sempre que chegam a uma nova instituição. Esta ideia de elevada pressão sobre os homens vai ao encontro do que os entrevistados no estudo de Santos et al. (2022) afirmam, uma vez que estes são mais visíveis e foco de uma maior atenção relativamente às mulheres, o que se torna prejudicial e pode mesmo afetar a sua carreira.

Torna-se ainda pior e mais grave quando começa a haver preconceito, como podemos comprovar na dissertação de Monteiro (2014), através do testemunho de alguns educadores homens que passaram por algumas dificuldades no seu percurso na docência.

Como por exemplo os pais chegarem a fazer abaixo-assinados solicitando a retirada do educador da instituição, ou mesmo pedidos de transferência de crianças para outras salas, alegando que queriam que permanecesse com a educadora anterior, ou em casos extremos chegar a retirar a criança da escola. Alguns educadores masculinos foram apoiados pelas respectivas direções, colegas e outros pais que tinham opiniões diferentes, ainda assim num dos casos foi a diretora que também fez força para que o abaixo-assinado seguisse para a frente. Todo este preconceito faz com que o educador homem se sinta constrangido, inseguro, pressionado e perca também o animo e o gosto pela educação.

A forma como olham erradamente para o homem educador persiste e pode observar-se até nos momentos cotidianos, como quando as crianças se magoam. O olhar e a abordagem são de negligência por parte do educador masculino, que é visto como mais agressivo/ instável e autoritário e, portanto, existe um ambiente propício a haverem mais acidentes deste género. (Baliscei & Saito, 2021; Monteiro, 2014). Um educador entrevistado por Monteiro (2014) considerou que, quando uma criança se magoa, se quem está responsável for uma mulher, as famílias são mais tolerantes e compreensivas. O que vai ao encontro do que já foi defendido, de que os educadores homens sofrem bastantes preconceitos.

Estes preconceitos estendem-se até mesmo a momentos importantes e essenciais para as crianças, momentos em que necessitam da ajuda do adulto, como a higiene.

1.3.5 Higiene

A educação de infância é um ambiente caracterizado pelo cuidado, característica atribuída às mulheres, onde o homem é visto como um estrangeiro pela sociedade dando a ideia de que não é cuidador. (Machado, 2022)

Cuidar do corpo das crianças, segundo afirma Sayão (2003, citado por Lopes, 2015, p. 97), responde à necessidade que todas as crianças devem ter, no sentido de serem atendidas as suas singularidades, independentemente da classe social, género, etnia ou ligação religiosa. Esse atendimento dado às crianças, caracterizado como humano, deve ser realizado por pessoas competentes e formadas para tal, não estando relacionado com o género de quem o faz, mas sim com as competências.

Estar com crianças, escutá-las, brincar com elas, pensar práticas pedagógicas e impulsionar aprendizagens significativas, são atividades que exigem conhecimento, logo, dar banho, trocar fraldas, acompanhar até à casa de banho, manter contacto físico com as crianças também requer habilidades, técnicas e conhecimentos. (Baliscei & Saito, 2021).

O contato físico exigido nas atividades relacionadas com a higiene das crianças é uma das principais preocupações relacionadas com o homem educador e é onde surgem maiores desvantagens. Uma vez que existe a necessidade de haver uma vinculação ao corpo da criança, de forma a atender às suas necessidades básicas. (Baliscei & Saito, 2021; Lopes, 2015)

As famílias, representantes da sociedade, evidenciam divergências quanto aos cuidados higiênicos destinados às crianças aquando desempenhados por homens, gerando assim ambientes de tensão e conflitos com os educadores. Famílias essas que salientam que mais importante e mais valorizado que a formação pedagógica e o conhecimento é o género do sujeito que realiza a atividade de higiene. O que vai ao encontro das ideias defendidas por Lopes (2015) e Monteiro (2014), onde mostram que a maioria dos educadores entrevistados afirmam que as famílias são contra cuidados de higiene desempenhados por homens. Segundo Baliscei & Saito (2021) “inapropriados e inadequados” se desempenhados por alguém do género masculino, são os adjetivos que uma mãe utilizou para caracterizar, acrescentando que nem mesmo o próprio marido, pai da criança, executava tal tarefa.

Este preconceito estende-se não só, às famílias das crianças, mas também aos superiores das instituições, como afirma Ramos (2017, citado por Baliscei & Saito, 2021, p. 310), onde um educador homem da valência de creche foi proibido pelos seus superiores, de realizar cuidados de higiene, ação que levou a momentos de tensão e profunda tristeza.

Com todo este olhar de estranheza e desconfiança praticado pelos familiares e restante sociedade, leva a que os educadores homens se retraiam e fiquem mais apreensivos a possíveis reações, havendo muitos deles a manifestarem receio e medo de estabelecerem contatos físicos com as crianças. (Baliscei & Saito, 2021)

1.3.6 Pedofilia/homossexualidade

O olhar de estranheza e desconfiança continua, vivemos numa cultura carregada de preconceitos, e o homem na educação de infância é classificado como inadequado, tal como já referido anteriormente, desempenhando uma profissão feminina. São relacionados com pensamentos negativos sobre a sua atuação, gerando os infelizes comentários de que gostam de crianças por serem pedófilos ou mesmo por serem homossexuais. (Machado, 2022)

Ao escolherem esta profissão, os homens são vistos como se deixassem de ser “tão masculinos” e, por conseguinte, passam a ser conotados como homossexuais. (Oliveira, 2012)

A sexualidade masculina é posta em causa, existindo juízos de valor depreciativos e o exercício profissional pode tornar-se desagradável numa atmosfera de desconfiança, havendo desigualdade e/ou discriminação perante o género feminino. (Cortez, 2008)

Esta descriminação e preconceito são cometidos não só pelas famílias das crianças, mas também pelos colegas das instituições, tal podemos observar na dissertação de Monteiro (2014) e no estudo de Santos et al. (2022). Os entrevistados afirmam que a opinião da sociedade é de que “Se foi para a educação de infância, então é garantido que é homossexual”, “Está na educação, já é”. Tais atitudes levam a que futuros educadores de infância homens tenha dúvidas, inquietações e falta de vontade em seguir a profissão.

Segundo avança Monteiro (2014) a relação corporal existente entre criança e adulto na educação de infância, mulher-criança é mais aceite do que a homem-criança. Como se o facto de ser mulher impedisse ou bloqueasse de fazerem algo moralmente incorreto, associando inocência e pureza à maternidade, que por sua vez não é extensível à paternidade. Os homens educadores passam a ser suspeitos tanto sobre sua a identidade masculina, quanto sobre sua a moralidade e intenções para com as crianças. Esta ideia agravou-se quando “Há 15 anos, no processo da Casa Pia, qualquer homem na educação, que estivesse em contacto com crianças, estava sobre um fogo intenso, sobre os holofotes”. (Santos, Cruz, & Marques, 2022, p. 12)

O homem passou a ser visto segundo Monteiro (2014) como perverso, capaz de abuso e com sexualidade incontrolável. Como tal, e segundo os entrevistados do estudo de Santos et al. (2022), os educadores tiveram de adotar medidas para se protegerem, eliminando comportamentos, como, por exemplo, pegar em crianças ao colo, dar-lhes abraços ou beijos. Afirmaram ainda que continuaram a transmitir atenção e carinho às crianças como sempre fizeram, algo inerente à profissão e importante para criar relações de confiança e amizade com elas, mas de forma mais cautelosa.

Os problemas da pedofilia segundo Sarmiento (2001) são evidentes quer a nível nacional quer no estrangeiro, onde os educadores sentem-se muito constrangidos pelos receios das interpretações que as sociedades podem elaborar face a gestos tão comuns na educação de infância. Como é o caso do Reino Unido e um pouco por todo o mundo, onde

o tema pedofilia, que leva à discriminação é um dos principais motivos para existirem poucos homens na educação, tal como afirma Vogt, (2002, citado por Cortez, 2008, p. 5).

1.4 Vantagens da presença masculina na educação de infância

A educação de infância que cuida e educa, reconhece a criança como cidadão que precisa desenvolver-se no que se refere aos seus aspetos fisiológicos, psicológicos, intelectuais, afetivos, sociais e culturais. As crianças necessitam ter convívio com adultos de ambos os sexos, que são as suas referências, e isso deve acontecer também nos ambientes escolares, local onde iniciam a socialização fora da família. (Lopes, 2015)

A atuação conjunta entre homens e mulheres na educação de infância é importantíssima uma vez que a existência e atuação de educadores homens é uma oportunidade para que as crianças aprendam, desde muito cedo, que os homens também podem ser gentis, pacientes, delicados, afetivos e cuidadosos sem que sua masculinidade seja diminuída e posta em causa. É uma possibilidade para que as crianças vivenciem as inúmeras características das relações sociais e, portanto, de se humanizarem por intermédio de ações mais completas. (Baliscei & Saito, 2021)

Existem inúmeras vantagens em haverem educadores do sexo masculino, tais como: proporcionar um modelo masculino; haver uma maior equidade de género, tanto em contexto familiar, como social, o que acaba por diminuir a feminização da profissão; proporcionar modelos positivos do papel masculino para as crianças, principalmente para os rapazes; compensar a ausência do pai, colmatando a sua possível ausência num modelo de família monoparental. (Monteiro, 2014; Seco, 2015)

A figura paterna, que muitas vezes, está ausente e menos presente na educação dos seus filhos, tende em aparecer e a ser mais participativa, isto quando o educador é do sexo masculino, fazendo com que exista uma aproximação natural e maior cumplicidade. (Cortez, 2008). Relativamente às crianças e às suas vivências familiares, a existência de profissionais masculinos traz uma partilha do mundo dos homens e mulheres, numa alusão explícita e mais completa ao modelo familiar nuclear.

Os educadores homens fazem com que a figura paterna esteja mais presente, mas também fazem com que a profissão cresça e fique mais completa. A educação evolui e desenvolve-se com a presença masculina e muitas vezes são as mulheres que ensinam a profissão, fazendo com que as relações superem pensamentos e mentalidades, levando ao crescimento profissional para ambos os sexos. (Lopes, 2015)

1.4.1 Maior reconhecimento do papel do homem como educador de infância

As desvantagens já abordadas e explicadas são diversas, no entanto, existem vantagens em ser homem numa profissão “dominada” por mulheres. Segundo Oliveira (2012) e Santos et al. (2022) existe por vezes, uma discriminação positiva, que facilita a integração do educador junto da equipa e do grupo. Ajuda também a serem reconhecidos e a terem tratamento preferencial por parte dos colegas, fazendo ainda com que os sucessos sejam mais notados e glorificados.

A escassez de homens na educação de infância faz com que os poucos que atuam na área desfrutem e beneficiem de maior visibilidade social. (Seco, 2015). Este reconhecimento estende-se e abrange diversos aspetos, segundo Oliveira (2012) os docentes do género masculino tendem a ser mais respeitados, tanto pelas crianças como pelos encarregados de educação.

A maior e melhor progressão na carreira é outro aspeto apontado por Seco (2015). Com esta maior visibilidade e com a entrada de homens na educação de infância, direta ou indiretamente, faz com que a imagem e o estatuto da profissão alterem-se para melhor, isto porque na nossa sociedade o primeiro indicador de análise é a condição de género e só depois a condição profissional. A entrada do homem faz com que o trabalho na educação pré-escolar seja visto como pedagógico e profissional, e não necessariamente como “maternal”. (Baliscei & Saito, 2021; Sarmiento, 2001)

Ajuda também na desestabilização da ideia retrograda de que cuidados e a educação das crianças são atribuídos exclusivamente às mulheres. Isto faz com que passe a haver uma maior equidade de género, tanto em contexto familiar, como social. (Baliscei & Saito, 2021; Seco, 2015)

1.4.2 Vistos como mais práticos e corajosos

Para além de terem maior reconhecimento em determinados momentos, segundo Cortez (2008) e Santos et al. (2022) os homens, também apresentam características que os distinguem e valorizam aquando comparados com as mulheres educadoras. São percebidos como profissionais que se aventuram e arriscam mais, adotam uma postura e uma maneira de trabalhar mais prática e mais descontraída em momentos de tensão, stress ou de maior cuidado, o que acaba por facilitar na gestão do trabalho realizado. Os autores afirmam que os educadores são, também, diferentes em termos físicos e também ao nível da personalidade, além de serem considerados mais racionais, menos emotivos, mais

objetivos e com maior capacidade de simplificar e resolver problemas. Todas estas características abonam a favor dos homens educadores e tornam-se vantagens que podem usufruir.

O facto de os homens serem uma pequena minoria, num contexto maioritariamente dominado por mulheres, faz segundo Santos et al. (2022), com que sejam vistos por terem grande resiliência e coragem, uma vez que têm de enfrentar situações constrangedoras e de pressão social, como por exemplo gerir a questão do toque físico nas crianças e sua associação à pedofilia.

A presença de educadores homens diminui o clima conflitual que, ocorre geralmente, num grupo com grande incidência feminina. Isto porque segundo Santos et al. (2022) e Sarmento (2001) são mais pragmáticos, menos conflituosos e apaziguadores do conflito gerando uma melhor convivência.

1.4.3 Transformam obstáculos em desafios

Os obstáculos de acordo com Santos et al. (2022) são encarados e interpretados pelos homens como um desafio, já as mulheres tendem a considerá-los uma ameaça, reagindo de maneira menos proativa e mais pessimista do que eles. Os mesmos autores afirmam que os homens são vistos como mais práticos e mais descontraídos do que as mulheres e essas características jogam a seu favor, essa diferenciação revela-se vantajosa para eles, reforçando a sua autoconfiança quando superam de forma tranquila e leviana os obstáculos que lhes aparecem.

Os homens têm diariamente de desmontar os papéis e os estereótipos de género existentes na sociedade, contrariando-os através da qualidade do seu trabalho e dos seus resultados, mudando assim a mentalidade das pessoas. Encaram a situação como um desafio, querendo mostrar que conseguem fazer o mesmo que as colegas educadoras, com o mesmo valor e qualidade, lidando bem com esta situação. Nogueira (2017) e Santos et al. (2022) afirmam ainda que os homens são bastante inteligentes, uma vez que aceitam os desafios (estereótipos), mas não concordando com eles. Aceitam-nos e depois no dia a dia, através do seu trabalho, combatem-nos, fazendo com que estes papéis vão desaparecendo.

Em suma com todas as vantagens e desvantagens leva-me a concluir que o fundamental é serem bons profissionais, o género vem depois, é um pormenor, uma curiosidade.

No estudo de Santos et al. (2022), onde foram realizadas várias entrevistas a mulheres educadoras, estas afirmam que os companheiros de profissão homens têm formas de trabalhar distintas, mas no fundo o resultado final é o mesmo. O trajeto pode ser diferente, o que acaba por ser uma mais-valia, uma vez que enriquece e evolui a educação de infância em Portugal. A educação torna-se mais completa, pois existe partilha dos conhecimentos e forma de estar entre ambos os géneros.

1.5 Soluções para aumentar o número de educadores homens

Os educadores masculinos têm ainda um longo trabalho a percorrer no que toca à existência de igualdade na profissão tal como referido no ponto anterior em todas os obstáculos. A falta de apoio familiar, a desacreditação por parte dos colegas de trabalho, a forma como são vistos pela sociedade, são os principais e mais preocupantes motivos para haver um número tão reduzido de homens na educação de infância.

As crianças beneficiam da presença de educadores de ambos os géneros. Segundo o estudo de Kelvin (1974, citado por Oliveira, 2012, p. 19) muitas escolas demonstram interesse em incluir mais educadores masculinos no corpo docente, mas a sua presença na educação de infância ainda é pouco abundante. Devendo-se, segundo o autor, a dois fatores: salário e progressão na carreira pouco atraentes tal como afirmam Cortez (2008) e Santos et al. (2022); persistência de estereótipos de género, mitos e ideias enraizados sobre masculinidade, que associam os cuidados da infância inerente às aptidões das mulheres, devido à elevada feminização na educação de infância, segundo Baliscei & Saito (2021).

Além destes fatores existem também outros que desprestigiam a profissão de educador de infância como o facto de haverem condições de trabalho inadequadas. Somando a sobrecarga de trabalho que muitas vezes se estende para casa, tal como refere Lopes (2015). A falta de estatuto social/pouco prestígio da profissão, o receio de alegações de abuso ou de homossexualidade são fatores evidenciados por Gamble e Wilkins (1997, segundo citam Santos et al., 2022, p. 3)

Perante todas estas adversidades e motivos que levam a percentagem de homens educadores a ser reduzida, existe a necessidade de criar soluções, de forma a que num futuro haja mais educadores masculinos e principalmente que se sintam bem na profissão que escolheram.

Os conflitos relacionados às questões de gênero vivenciados pelos educadores não são discutidos nas creches e jardins de infância. A ausência de diálogos sobre temas polêmicos entre profissionais (equipa pedagógica) e famílias contribuíram para a manutenção de preconceitos e discriminações no ambiente escolar. Ao evitar debater e não problematizar assuntos sobre sexualidade, cuidado com as crianças pequenas e masculinidades, perpetua-se a naturalização e aceitação de tabus e normas pré-estabelecidas. (Lopes, 2015)

De acordo com Neto (2004, conforme relatado por Lopes, 2015, p. 51), é fundamental identificar e superar comportamentos negativos e conflitos na comunidade escolar, já que muitos educadores e educadoras, por estarem ainda habituados a uma prática não dialogal e não participativa, geram resistências a uma abordagem mais democrática. Estabelecer espaços para debate e troca de ideias é uma maneira de enfrentar os conflitos e procurar soluções na educação. Se desejamos construir uma sociedade verdadeiramente igualitária entre homens e mulheres, rapazes e raparigas é imperativo considerarmos as ações cotidianas, promovendo ações não discriminatórias. De nada vale continuar a haver homens educadores de infância se a mentalidade da sociedade não muda.

1.5.1 Mudança de mentalidade da sociedade

Mudar a sociedade é algo a fazer em primeiro lugar, segundo Oliveira (2012) é importante combater os estereótipos, mudando a forma como veem o educador masculino e reforçando a imagem de que a educação de infância é uma profissão adequada para ambos os gêneros. Para isso temos de envolver cada vez mais os pais do gênero masculino na educação formal dos filhos, mudar mentalidades dos jovens, pais e professores no âmbito da igualdade de gênero na profissão, incentivando a exercer tarefas tipicamente associadas a um dos sexos. (Oliveira, 2012; Seco, 2015)

A família, segundo evidencia Baliscai & Saito (2021) é o grupo com maior influência na vulgarização dos estereótipos de gênero e onde se observa, maioritariamente, o papel das mulheres associado ao ato de cuidar e à maternidade. Se, desde tenra idade as crianças são confrontadas apenas com representações de figuras femininas é provável e compreensível que a presença de um educador Homem lhes provoque estranheza. Por esse motivo, seria oportuno que, as crianças tenham referências do homem nas suas vidas, não só em casa, mas também fora dela. Posto isto deveriam haver ações como a que a Organização das Nações Unidas proporcionou, mostrando

imagens de pais do género masculino a darem banho, brincarem, terem momentos de higiene, com vista a normalizar estas rotinas e envolver as crianças e a sociedade com o tema igualdade de género. (Baliscei & Saito, 2021). Estas imagens dos pais, que deveriam ser “normais” vão ao encontro do que afirma Connell (1995, p. 205, citado por Baliscei & Saito, 2021, p. 317), que saberemos que estamos realmente a chegar a algum lugar quando “fotografias com homens carregando armas se tornarem raras e fotografias com homens empurrando carrinhos de bebé se tornarem comuns”. Imagens e discussões que mostrem mulheres a conduzir, a jogar futebol, liderando e homens cuidando de crianças, chorando e desempenhando atividades domésticas, pode mudar a mentalidade do que é ser homem e mulher.

Para além de interagir diretamente com a sociedade também podemos tomar medidas agindo indiretamente, tal como afirma Oliveira (2012), incorporar ao currículo publicações e manuais didáticos que utilizem imagens livres de estereótipos e promovem a igualdade de género, articulando essa iniciativa com o Plano Nacional de Leitura. Elaborar também eventos/trabalhos que promovam a profissão, por exemplo através de cartazes expondo-os nas escolas, em que se contrariam os estereótipos. Mudar a imagem do ensino é fundamental segundo Sargent (2004, citado por Oliveira, 2012, p. 21), passando a mostrar imagens positivas acerca do trabalho dos homens com crianças criando também mais modelos profissionais para futuros educadores masculinos.

Os média também podem ser uma grande ajuda, uma vez que têm grande visibilidade. Mas infelizmente têm vindo a usar a sua força de forma incorreta, tal vai ao encontro do que afirma Oliveira (2012), onde apresentou um artigo publicado pelo Diário de Notícias, em março de 2009 “homens em profissões de mulheres”, publicação essa que direciona a educação de infância para o género feminino, tornando o homem um estrangeiro no meio. O que acaba, segundo o mesmo autor, por forçar estereótipos de género, influenciando as escolhas e opiniões das pessoas.

Posto isto os média podem e devem dar mais visibilidade à profissão sendo inclusivos, através, segundo Nóvoa (2000, citado por Oliveira, 2012, p. 21), da construção de uma imagem apelativa do homem na educação. Por via de entrevistas onde mostrem as salas dos educadores, conversando com eles, desmistificando e desconstruindo por completo os preconceitos existentes na sociedade.

1.5.2 Formação a professores e equipas pedagógicas

A formação é uma ótima forma de solucionar este problema, levando, por conseguinte, ao aumento dos homens educadores. Isto através da formação não só, de professores, mas também das equipas pedagógicas que estão ligadas diretamente aos educadores masculinos quando estes estão a exercer.

Os professores que podem ser formados tanto a nível de ensino superior, como nos outros níveis de ensinos, todos têm a sua importância. O ensino superior acaba por ser mais importante uma vez que lida diretamente com futuras educadoras mulheres, onde os professores como já referido têm papel fundamental pois podem: fazer com que os alunos reflitam na equidade de género; promover sessões de discussão sobre questões profissionais relacionadas com os géneros; dar visibilidade e voz a educadores do género masculino, havendo ou não alunos homens nos cursos, de forma a existirem modelos para futuros educadores; incentivar alunos a ampliarem os estudos sobre o tema, fornecendo também as universidades com estudos relacionados com o problema; por fim alargar os debates referidos, às escolas secundárias, que também têm a sua preponderância, uma vez que é lá que os alunos decidem os cursos que querem seguir nas faculdades. Isto pode abrir horizontes a possíveis futuros educadores homens que se sintam bloqueados e com medo de escolher o curso. (Machado, 2022; Oliveira, 2012; Seco, 2015)

Para além da formação de professores das escolas e universidades é fundamental investir na formação dos educadores de infância já formados e em toda a equipa pedagógica, principalmente auxiliares de educação uma vez que não têm as mesmas bases. Segundo Sargent (2004, citado por Oliveira, 2012, p. 21) cabe às escolas dar o grande passo para a inclusão de mais homens na educação, sensibilizando não só a sua equipa, mas também as famílias, para a competência dos homens de assumirem funções na educação pré-escolar.

1.5.3 Maior leque de informação científica

A realização de pesquisas e investigações que salientam a presença e/ou ausência de educadores homens, tal como acontece por exemplo nos Estados Unidos da América, deveria ser mais recorrente. De forma a mudar a perspetiva de quem tem acesso a esses estudos, aumentando assim a existência de homens na educação de infância. Segundo Monteiro (2014) a revista *Young Children*, publicada pela National Association for the Education of Young Children entre 1996 e 2010 é um dos exemplos desses trabalhos de investigação, onde houve espaço para a discussão da atuação de homens na educação de

infância e também sobre o tema paternidade. Pelo que afirma a autora estas investigações levaram a que os média, através de programas de televisão, tais como “Men Teach” e “Call me MISTER”, abordassem positivamente o problema em questão, conseguindo trazer os meios de comunicação para o “lado” correto.

Portanto, segundo Oliveira (2012) e Seco (2015) é capital realizar estes estudos que: acompanham o desenvolvimento da carreira dos educadores homens; seguem o processo de construção de identidade desde a formação inicial, analisando, compreendendo e comparando ao das mulheres educadores; reflitam outras histórias de vida de outros educadores de infância. Isto acaba por obviamente dar voz aos educadores e cria também modelos para os futuros educadores masculinos.

Para além de todas as soluções apresentadas, Oliveira (2012), afirma que as mudanças devem começar pelo sistema de recrutamento, aumento dos salários e condições de trabalho. A progressão na carreira pouco atraente tal como afirmam Cortez (2008) e Santos et al. (2022) é outro aspeto negativo da profissão sendo que através de uma legislação diferente deixasse de ser um problema, melhorando consequentemente o salário. Leis que podem também alterar a forma como são feitas as candidaturas, que maioritariamente, realizadas de forma difícil e pouco acessível, onde profissionais que residem no Norte de país são colocados no Sul e residentes do Algarve colocados no Norte, havendo pouca organização e agilidade neste processo colocação. Como se não bastasse os profissionais serem colocados bastante longe da sua zona de residência, primeiro que ganhem efetividade numa escola têm de andar muitas vezes de instituição em instituição durante vários anos. Perante estas adversidades, poderia haver mudanças ao nível legislativo, de forma a haver uma maior taxa de masculinização na profissão.

2. Problematização e metodologia

2.1 Problema, objetivos e questões de investigação

Toda a investigação parte de um problema e esta não foi exceção. A contestação de que a profissão de educador de infância é, ainda hoje, exercida maioritariamente por mulheres, sendo esta profissão exercida por uma minoria de homens, constituiu o ponto de partida para o presente estudo de investigação.

Tal como já foi abordado no capítulo anterior, Fundamentação teórica, a sociedade vê a mulher como cuidadora, ao contrário de como vê o homem, preparando-a para ser mãe desde tenra idade e ao mesmo tempo afastando o homem da profissão de educar. (Baliscai & Saito, 2021). O afeto acaba por estar associado a serviços femininos levando à vocação e ocupação natural das mulheres, desprofissionalizando por completo a profissão. (Cortez, 2008)

A história tem mostrado tradicionalmente a figura do homem como sujeito rude, sem controle, rígido, disciplinador, sendo que desde tempos primórdios esteve distanciado da educação, onde a mulher reina. (Lopes, 2015; Monteiro, 2014)

Apesar das mudanças positivas a nível histórico ao longo dos anos, no que diz respeito à presença e evolução da figura masculina na educação de infância continua a existir uma percentagem muito baixa de educadores/professores homens.

Acresce à forma como a sociedade olha para o homem enquanto educador de infância, o facto de a maior parte dos estudos realizados sobre a figura masculina no papel de educador de infância serem de natureza qualitativa com o objetivo de explorar as perspetivas e as experiências dos próprios educadores. Pareceu-nos, pois, interessante abordar esta temática do ponto de vista das famílias enquanto elementos diretamente envolvidos na educação das crianças.

Assim, os objetivos do estudo são os seguintes:

- Conhecer as opiniões das famílias relativamente à figura masculina como educador de infância;
- Entender as perceções das famílias acerca da experiência das crianças com um educador de infância masculino;

- Comparar as opiniões das famílias com e sem experiência de crianças com educadores de infância masculinos.

Para a concretização destes objetivos formulámos as seguintes questões de investigação norteadoras do estudo:

- De que forma as famílias com e sem experiência de crianças com educadores de infância masculinos percecionam a presença de educadores de infância masculinos?
- Quais são os principais fatores que influenciam as opiniões dessas famílias acerca da figura masculina como educador de infância?
- Que diferenças existem nas perceções das famílias com e sem experiência de crianças com educadores de infância masculinos relativamente à figura masculina como educador de infância?

2.2 Metodologia do estudo

“Uma investigação pode ser definida como sendo o melhor processo de chegar a soluções fiáveis para problemas, através de recolhas planeadas, sistemáticas e respetiva interpretação de dados. É uma ferramenta da máxima importância para incrementar o conhecimento e, deste modo, promover o progresso científico” (Miranda, 2009, p. 33). Ou seja, a metodologia um instrumento de investigação do pesquisador, é utilizada de forma a especificar os caminhos a serem adotados para chegar a uma conclusão/solução de um problema.

A realidade só é assimilada e interpretada analisando os dados em bruto, descrevendo o fenómeno/ problema e examinando as informações obtidas.

A presente investigação enquadra-se no paradigma quantitativo, caracterizado pela utilização de dados relativos a um certo número de questões pré-determinadas, relatando e/ou interpretando a realidade, analisados normalmente através de ferramentas estatísticas. (Seabra, 2010). A mesma autora afirma que as investigações do tipo quantitativo têm como objetivos analisar a distribuição das entidades envolvidas em relação a diferentes variáveis e/ou descrever relações entre variáveis.

O paradigma quantitativo tem várias características e consequentemente algumas vantagens para o investigador que o utiliza. Os estudos quantitativos baseiam-se essencialmente em dados mensuráveis passíveis de tratamento analítico, o que permite uma interpretação imparcial e baseada em evidências concretas, assegurando uma análise mais rigorosa e transparente por parte do investigador. (Anunciação, 2021; Silva &

Quintella, 2021). Caracteriza-se pela clareza e precisão dos resultados, a utilização de gráficos, tabelas e outros relatórios estatísticos permite medir e realizar cálculos complexos, interpretando os dados de maneira objetiva e acessível. Possibilita também uma análise entre diferentes fatores e a identificação de padrões, que permitem a comparação de diferentes grupos dentro da investigação. (Carvalho, 2014)

Assim, no presente estudo, a adoção de uma abordagem quantitativa justifica-se pela necessidade de compreender e estabelecer comparações entre as percepções de dois grupos de famílias relativamente à figura masculina como educador de infância.

Esta investigação, para além do paradigma quantitativo é também do tipo sondagem, que caracteriza-se por ser um estudo estatístico de uma população, feito através de uma amostra, destinado a coletar dados de forma eficiente e a estudar uma ou mais das suas características tal como elas se apresentam nessa população. (Anunciação, 2021; Bryman, 2016). As sondagens, tal como nas investigações quantitativas, inquiram ou analisam apenas uma parte da população em estudo, isto é, restringem-se a uma amostra dessa população, mas com o objetivo de extrapolar para todos os elementos da população os resultados observados na amostra.

Segundo os trabalhos realizados pelo Centro de Estudos e Sondagens de Opinião (CESOP) da Universidade Católica Portuguesa, a investigação por sondagem é um método amplamente utilizado para coletar dados sobre opiniões, opiniões e comportamentos de grupos populacionais, que por ser estritamente rigoroso garante a representatividade da amostra e a fiabilidade dos resultados. (Reis, 2022)

A pesquisa de tipo sondagem caracteriza-se por ser um método estruturado e sistemático, utilizando questionários ou entrevistas como forma principal de reunir os dados recolhidos de amostras em contextos onde o acesso à totalidade da população é inviável. (Anunciação, 2021; Bryman, 2016). A escolha da amostra é, portanto, um passo fundamental nos estudos quantitativos de tipo sondagem.

2.3 Amostra

Pretendemos construir uma amostra de famílias apropriada para a consecução dos objetivos do estudo e para permitir respostas às questões de investigação, foi necessário, em primeiro lugar, entrar em contacto com vários educadores e educadoras, escolhidos de acordo com o género e a área geográfica onde exercem ou exerceram a atividade profissional. Foram contactados ao todo 10 educadores de três principais regiões de Portugal continental: um educador homem e duas educadoras mulheres da região norte,

um educador homem e duas educadoras mulheres na região centro e dois educadores/as de cada género na região sul.

Estes contactos permitiram obter os emails das famílias das crianças com que têm trabalhado, garantindo assim uma amostra com famílias de crianças com e sem experiência de educadores masculinos. Segundo Anunciação (2021) trata-se assim de uma amostra não probabilística de conveniência, uma vez que a seleção não foi feita de forma aleatória.

Os critérios de seleção dos educadores, que apesar de não fazerem parte da amostra ajudaram muitíssimo a tornar a investigação possível foram:

- Serem educadores homens e mulheres de três zonas/regiões de Portugal continental, norte, centro e sul;
- Terem exercido ou exerçam a profissão em estabelecimentos de ensino da rede pública e/ou privada;
- Disponibilizarem-se a participar no estudo prontamente;

Já os critérios de seleção/inclusão da amostra são:

- Os educandos das famílias terem estado num passado recente ou mesmo no presente com os educadores selecionados;
- Frequentarem ou terem frequentado as valências de creche ou jardim de infância;

A amostra foi constituída por 114 famílias, representando 114 crianças, das quais 52 (45,6%) tiveram como educador de infância uma figura feminina e 62 (54,4%) uma figura masculina.

No que diz respeito à figura parental dos respondentes 99 (86,8%) são mães, 14 (12,3%) são pais e 1 (0,9%) é uma avó. A distribuição etária é de 4 (3,5%) participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos de idade, 34 (29,8%) entre os 26 e os 35 anos de idade, 62 (54,4%) entre os 36 e os 45 anos de idade e 14 (12,3%) entre os 46 e os 60 anos de idade.

Em termos de qualificações académicas, 36 (31,6%) participantes têm o ensino secundário, 41 (36,0%) têm uma licenciatura, 25 (21,9%) têm um mestrado e os restantes 12 (10,5%) participantes têm outra qualificação académica. Já no que diz respeito à distribuição geográfica dos respondentes, 47 (41,2%) são da região norte, 30 (26,3%) da região centro e 37 (32,5%) são da região sul.

Relativamente à valência frequentada pelo educando, 57 (50,0%) frequentaram uma creche e 57 (50%) frequentaram um jardim de infância. A idade média (e a

correspondente idade mediana das crianças) é de 4 anos e o número médio de irmãos (assim como o valor mediano) é de 1 irmão.

2.4 Instrumentos de recolha de dados

Para a realização deste estudo o instrumento de recolha de dados foi o inquérito por questionário, um instrumento de pesquisa apropriado para coletar informação de forma anónima, que permite transformar os objetivos do estudo em variáveis mensuráveis ajudando a organizar e controlar os dados, no sentido de permitir a comparabilidade rigorosa das respostas de todos os inquiridos. (Gouveia, 2012). Permite também atingir grande número de pessoas de diversas localizações geográficas, como é o caso do presente estudo.

Um questionário tem como objetivo propiciar determinado conhecimento ao pesquisador permitindo-lhe retirar conclusões, sendo que geralmente responde a grandezas absolutas e/ou relativas, isto é, a dados percentuais e/ou inteiros. (Gouveia, 2012)

Optamos por realizar dois questionários, um destinado às famílias das crianças com experiência com educador de infância masculino e destinado às famílias das crianças que nunca tiveram educador homem, ou seja, durante o percurso escolar lidaram sempre com educadoras mulheres.

O primeiro ponto considerado na elaboração dos questionários foi o tipo de informação a ser obtida, com o propósito de criar um instrumento de medida capaz de ir ao encontro das questões de investigação. Já relativamente à qualidade dos resultados obtidos depende, em grande parte, da credibilidade e validade do instrumento de medida. (Gouveia, 2012). Como tal, na construção dos questionários foram observadas algumas normas: Primeiramente, foi essencial explicitar o objetivo geral dos questionários logo no início, fornecendo uma breve introdução que esclarece a importância da investigação. O grau de dificuldade, a clareza e a complexidade das questões, foi tido em conta no sentido de evitar ambiguidades ou enviesamento na formulação das questões.

A sequência lógica das perguntas, indo do geral para o específico, a apresentação gráfica e a extensão dos questionários, equilibrando a quantidade de questões, também foram aspetos cuidadosamente planeados. No final do questionário foi incluída uma palavra de agradecimento, aumentando a contribuição dos participantes e reforçando a importância da sua colaboração. (Hill & Hill, 2008)

A necessidade de precisão e rigor torna necessário pilotar o questionário antes da sua aplicação, de forma a garantir a qualidade das perguntas, avaliar a adequação da sua

ordem e verificar se as respostas são fornecidas conforme as informações desejadas, como tal é fundamental aplicar o questionário a uma amostra menor. No caso do presente estudo, na impossibilidade de testar os questionários junto de famílias, as versões iniciais foram revistas por um grupo de oito pessoas, das quais dois investigadores com experiência em abordagens quantitativas, e seis educadores (três homens e três mulheres). As sugestões recebidas permitiram organizar a estrutura, melhorar a ordem, a formulação escrita de algumas questões e também testar o próprio site onde foram realizados os questionários.

As versões finais dos questionários (Anexos 1 e 2) são compostas por quatro partes relativas aos seguintes aspetos: Introdução; dados sociodemográficos – itens 1 a 6; Experiências das famílias – opiniões acerca da presença de figura masculina como educador de infância – itens 7 a 12; agradecimento final.

Relativamente ao tipo de perguntas, quanto ao conteúdo são factuais numa parte inicial e de opinião no restante parte dos questionários. Quanto à forma são fechadas em praticamente todas as questões, sendo que as últimas são abertas dando oportunidade ao inquirido de dar a sua opinião de maneira mais “livre”. (Gouveia, 2012)

Dentro das questões fechadas foi utilizada uma escala de Likert pois surgiu a necessidade registar o grau de concordância ou de discordância com nove afirmações. A escala de Likert é uma escala de medida, com categorias de respostas que variam com igual nível de amplitude. (Gouveia, 2012). A escala utilizada no presente estudo integra 5 opções de resposta desde “concordo totalmente” a “discordo totalmente”.

Os questionários foram respondidos através da internet, a partir de um link do site “Online Pesquisa” enviado às famílias. O inquérito esteve disponível online durante um mês e meio.

A supervisão e recolha das respostas foi feita por mim ao longo desse período, com uma regularidade praticamente diária, onde foram observadas e analisadas principalmente as respostas abertas.

2.5 Procedimentos de tratamento e análise de dados

Este processo da investigação teve duas etapas:

- Antes da análise dos dados

Foram gerados diferentes links dos questionários, com vista a observar se havia diferenças de respostas, analisando possíveis disparidades entre as variáveis.

As variáveis são recorrentes e fáceis de identificar nas investigações quantitativas tipo sondagem, como podemos observar no ponto 2.2. Metodologia do estudo. Este tipo de

investigações possibilita, tal como já foi referido, uma análise de relações entre diferentes fatores e a identificação de padrões, o que proporciona a comparação de diferentes grupos dentro da investigação. (Carvalho, 2014)

Também num momento prévio à análise de conteúdo, após uma primeira leitura, foi surgindo a necessidade de pontuar adequadamente o texto e corrigir alguns erros, nas perguntas de resposta aberta.

- Durante a análise dos dados

Foi tirada uma segunda impressão, depois dos erros e do texto estarem reformulados, ainda não tirando nenhuma conclusão, mas já com uma leitura com algum cuidado e preocupação em compreender. Foi observado também nas perguntas fechadas, os diferentes tipos de respostas, vendo se havia ou não grande diferença nas mesmas.

Depois de recebidas todas as respostas aos questionários e de encerrada esta etapa, para a questão nove foram testadas e analisadas as variáveis em estudo, recorrendo a duas tabelas para explicar os resultados recolhidos:

- Para a identificação de diferenças significativas nas respostas à escala de tipo Likert das famílias das crianças com experiência com educador de infância masculino e famílias das crianças que nunca tiveram educador masculino, foi testada a normalidade e a homogeneidade das variâncias das amostras utilizando-se o teste de Shapiro-Wilk e o teste de Levene que revelaram tratar-se de amostras independentes, pelo que foi então utilizado o teste não paramétrico de Mann-Whitney.
- Com o objetivo de identificar possíveis diferenças significativas nos nove itens da questão da escala de tipo Likert face às variáveis de caracterização de ambos os grupos de famílias, procedeu-se ao cruzamento dos itens da escala com as variáveis sociodemográficas. Foi testada a normalidade e a homogeneidade das variâncias das amostras utilizando o teste de Shapiro-Wilk e o teste de Levene, tendo-se observado estes pressupostos apenas para a variável Faixa Etária. Assim, foi aplicado o teste da ANOVA para verificar a existência de diferenças significativas em média para os nove itens por faixa etária e o teste de Kruskal-Wallis/Mann-Whitney para identificar diferenças significativas nos itens e restantes variáveis de caracterização.

Em suma, no conjunto total da investigação foram estudadas quatro variáveis: variável “Gênero do educador”; variável “Região Geográfica”; variável “Figura parental” (mãe/pai); variável “Valência que o educando frequentou” (creche/jardim de infância).

Nas questões de resposta aberta foi utilizado o WordArt, um gerador de nuvens de palavras on-line que quantifica, classifica e organiza as respostas dos inquiridos. Cada uma das cinco questões foi analisada através de uma nuvem de palavras permitindo identificar os conceitos chave enfatizados pelas famílias, a disposição gráfica e as variações de tamanho dos termos de acordo com a frequência das ocorrências.

2.6 Questões éticas

Durante todas as etapas do trabalho de investigação, houve um compromisso com o cumprimento rigoroso das normas éticas inerentes à investigação. Todos os participantes foram previamente informados, de forma detalhada e transparente, sobre os objetivos, os métodos e as potenciais implicações do estudo, assegurando que tivessem plena compreensão antes de fornecerem o seu consentimento informado. Foram também adotadas medidas rigorosas para garantir a confidencialidade e o anonimato das informações partilhadas, preservando a privacidade dos envolvidos em todas as fases do processo.

Este cuidado reflete não apenas o cumprimento estrito dos requisitos éticos e legais aplicáveis, mas também o respeito pela dignidade e pelos direitos individuais de todos os envolvidos.

3. Resultados

Este capítulo tem como objetivo apresentar, de forma detalhada, os resultados mais relevantes obtidos a partir do estudo quantitativo realizado. Os dados analisados foram coletados por meio de dois questionários diferentes, cuidadosamente elaborados, aplicados a grupos específicos de participantes.

Com base na análise estatística realizada, foram identificadas tendências, padrões e relações significativas entre as variáveis investigadas tal como foi referido no capítulo anterior.

O objetivo é oferecer uma compreensão abrangente do recolhido e fornecer uma base sólida para a discussão e interpretação dos resultados nas conclusões subsequentes deste trabalho. Dessa forma, o capítulo contribui para uma visão mais completa dos aspetos investigados e envolvidos na pesquisa, contribuindo para o esclarecimento de questões levantadas ao longo do primeiro capítulo da Fundamentação teórica.

3.1 Identificação de diferenças significativas entre o grupo de crianças com educador feminino e masculino

A análise dos resultados obtidos permite concluir que existem diferenças significativas nos respondentes com crianças que tiveram como educador uma figura feminina e nos que tiveram crianças que tiveram um educador masculino em todos os itens com exceção para o item quatro (“Os meios de comunicação influenciam e moldam ideias, criando desconfiança e questionamentos no que diz respeito ao Homem na educação”) e o item nove (“Muitos educadores homens sofrem de preconceito, o que faz com que se sintam constrangidos, inseguros e pressionados”).

É possível observar que nos itens um, três, cinco e sete existe maior concordância com as afirmações proferidas por parte das famílias cujos educandos têm educador feminino. Nestes itens o que existe em comum é que são frases em que o educador masculino é comparado à educadora feminina, onde é afirmado nestes itens, que a educadora tem “características mais adequadas” e tem “mais tolerância” que o educador masculino que por sua vez tem “menos sensibilidade e jeito” sendo “uma área profissional apenas para mulheres.”

Os dados recolhidos apontam no sentido de que existe uma clara valorização da educadora mulher comparada com o educador homem, por parte das famílias cujo educando tem educador feminino.

Ao contrário do que acontece nos itens dois, seis e oito onde a maior concordância observa-se para os educandos com educador masculino. Nas frases destes itens as capacidades e qualidades do educador homem são postas em igualdade com a educadora mulher demonstrando a importância de haver homens na educação de infância.

Tabela 2

Identificação de diferenças significativas para nove itens nos grupos de respondentes com crianças com educador feminino e masculino.

Item	Média (desvio padrão)		Valor de p
	Educador masculino	Educador feminino	
1. A Mulher tem características mais adequadas às funções de educador/a de infância do que o Homem.	1.81 (0.94)	2.75 (1.14)	<0.001
2. Os homens são capazes de desempenhar as funções de educador de infância de forma tão eficiente/responsável como as mulheres.	4.74 (0.57)	4.09 (0.80)	<0.001
3. Os homens não devem ser educadores de infância, pois têm menos sensibilidade e jeito para lidar com as crianças do que as mulheres.	1.29 (0.64)	1.98 (0.69)	<0.001
4. Os meios de comunicação influenciam e moldam ideias, criando desconfiança e questionamentos no que diz respeito ao Homem na educação.	3.53 (0.98)	3.57 (0.78)	0.968
5. As mulheres têm mais tolerância com as crianças do que os homens.	1.71 (0.68)	2.40 (0.89)	<0.001
6. Os educadores de infância homens são importantes porque proporcionam às crianças modelos positivos do papel/figura masculina.	4.08 (1.01)	3.75 (0.84)	0.015
7. A educação de infância deve ser uma área profissional apenas para mulheres.	1.13 (0.39)	1.73 (0.73)	<0.001
8. O educador Homem consegue dar resposta às necessidades afetivas das crianças.	4.42 (0.69)	3.73 (0.93)	<0.001
9. Muitos educadores homens sofrem de preconceito, o que faz com que se sintam constrangidos, inseguros e pressionados.	3.79 (0.91)	3.67 (0.81)	0.303

3.2 Cruzamento dos itens com as variáveis sócio demográficas

Relativamente à variável Figura parental (mãe/pai), não se observam diferenças significativas nos nove itens considerados, o mesmo acontecendo com as variáveis Faixa etária e Habilitações literárias.

Já na variável “Valência que o educando frequentou” existem diferenças significativas para todos os itens exceto o quatro e o nove. A análise das respostas permite observar que nos itens um, três, cinco e sete existe maior concordância com a afirmação proferida por parte dos educandos que frequentaram a valência de creche. Já no caso dos itens dois, seis e oito a maior concordância observa-se para os educandos que frequentaram a valência de jardim de infância.

Os dados recolhidos indicam que as famílias tendem a valorizar mais a educadora mulher em comparação com o educador homem, aquando a criança frequenta a valência de creche. No que diz respeito às famílias cujo educando frequenta jardim de infância, estas têm opinião contrária, concordando e apoiando a existência de educadores homens.

Relativamente à variável “Região Geográfica” observam-se diferenças significativas exceto nos itens quatro, seis, oito e nove. A análise das respostas permite observar que nos itens um, três, cinco e sete existe maior concordância com a afirmação proferida por parte dos respondentes da região centro. Já no caso do item dois a maior concordância observa-se para os participantes da região norte.

Tabela 3

Identificação de diferenças nos 9 itens para cada variável sócio demográfica.

	Valor de p				
Item	Figura* Parental	Faixa etária	Habilitações literárias	Valência que frequenta	Região geográfica
Item 1	0.728	0.913	0.674	0.034	0.001
Item 2	0.688	0.519	0.237	0.002	0.002
Item 3	0.586	0.334	0.280	0.007	0.003
Item 4	0.740	0.435	0.911	0.852	0.768
Item 5	0.404	0.539	0.323	0.003	0.008
Item 6	0.990	0.236	0.463	0.010	0.996
Item 7	0.685	0.091	0.054	0.001	0.029
Item 8	0.216	0.061	0.509	0.006	0.286
Item 9	0.175	0.292	0.295	0.276	0.841

*Como ocorreu apenas um caso na amostra em que a figura parental era uma avó, este caso foi excluído desta análise

3.3 Nuvens de palavras

Como referido no capítulo anterior, a análise das respostas às questões abertas relacionadas com as opiniões das famílias foi efetuada, numa primeira abordagem, com recurso à construção de cinco nuvens de palavras. Nestas representações visuais, foi permitido identificar os conceitos chave enfatizados pelas famílias, a disposição gráfica e as variações de tamanho dos termos de acordo com a frequência das ocorrências, contribuindo para a compreensão das prioridades e das perceções predominantes das famílias.

As nuvens de palavras permitiram, numa segunda abordagem, uma análise mais fina das respostas das famílias, ao mapear e validar um número de categorias de análise e respetivas frequências de ocorrência como representado graficamente nas respetivas tabelas.

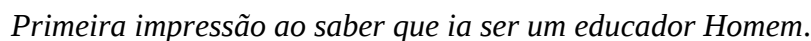
3.3.1 Principais características dos educadores de infância masculinos

As primeiras três nuvens de palavras, representadas nas Figuras 1, 2 e 3, são referentes a perguntas presentes apenas no questionário direcionado às famílias das crianças com educadores de infância masculino. Ilustram os termos associados às experiências e características desses mesmos educadores expressas nos testemunhos das famílias participantes no estudo. Indo ao encontro dos seguintes objetivos estipulados para o presente estudo: Conhecer as opiniões das famílias relativamente à figura masculina como educador de infância; entender as perceções das famílias acerca da experiência das crianças com um educador de infância masculino;

- **A experiência com educador do género masculino foi por sua escolha própria?**
Qual foi a primeira impressão quando soube que iria ser um educador Homem?

Dos inquiridos apenas oito afirmaram que a opção do educador homem tinha sido por sua própria escolha. Dos respondentes a esta questão a maioria mostrou uma atitude positiva de confiança, normalidade com a situação, também alguma surpresa e estranheza como podemos observar na Figura 1 e na Tabela 4. A satisfação realmente imperou, sendo observadas respostas como: “Achei muito interessante e que podia trazer frescura a um ambiente dominado por mulheres”; “Fiquei e continuo extremamente feliz, sentimo-nos muito sortudos”; “Senti muita sorte”; “senti que a minha filha ficaria em boas mãos”. Ainda assim uma minoria de famílias apresentaram reticência dizendo que inicialmente sentiram receio e ficaram de pé atrás por ser um educador homem.

Primeira impressão ao saber que ia ser um educador Homem.



Palavras	Frequências	Exemplos de respostas
Surpresa	3	“Curiosidade e surpresa, pois nunca conheci outro educador anteriormente”;
Confiança	3	“A melhor. Absoluta confiança; “Gostei. Senti-me com confiança”;
Estranheza	3	“A primeira impressão foi estranheza. Pois, seria a primeira vez com educador”; “Inicialmente estranheza por ser um educador, depois mudei porque um homem como educador é como as crianças em casa terem também um pai que as ajude”;
Foi ótimo	2	“Foi ótima. Excelente profissional”;
Fiquei bastante contente	2	“Fiquei bastante contente em saber”;
Excelente	2	“Excelente”; “Foi boa, pareceu ser um profissional excelente”;
Receio	2	“Na verdade um pouco receosa, mas foi sem dúvida o melhor que podia ter acontecido”; “Inicialmente senti me um pouco em dúvida e receio, mas com o passar do tempo isso mudou. Para ser sincera, o educador que está a acompanhar o meu filho tem mais capacidades do que algumas educadoras que já conheci”;
Achei uma mais valia	2	“Achei uma mais valia enorme”;

- **Indique alguns aspetos que considere positivos na experiência do seu educando com um educador de infância do género masculino:**

Nesta questão os inquiridos tinham de revelar os aspetos positivos em ter um educador de infância homem, deparamo-nos com o facto de que todos eles conseguiram identificar

pelo menos uma característica favorável, tal como podemos identificar na Figura 2 e na tabela 5. Também pudemos observar que todas as famílias apontaram apenas e só características positivas, não havendo senãos nem rodeios nas respostas, inexistindo qualquer tipo reparos negativos dentro de todos os elogios.

Figura 2

Aspetos positivos da experiência com educadores masculinos.



Tabela 5*Aspectos positivos da experiência com educadores masculinos.*

Palavras	Frequência	Exemplos de respostas
Carinhoso/ Carinho	9	“Afetividade, a criatividade, carinho e a confiança transmitida a criança”; “As crianças demonstram muito carinho por ele e vice-versa”; “É uma pessoa carinhosa que criou logo laços fortes com as crianças com quem tinha interação”; “A ligação imediata que sentiu com o educador foi impressionante! A forma calma e carinhosa como foi recebido!”;
Experiência boa/ fantástica/ positiva/ maravilhosa/ ótima/ rica e completa	7	“Foi uma experiência boa, meu educando sentiu-se mais confiante nos afazeres da escola”; “A experiência foi ótima”; “Foi uma experiência fantástica sempre gostou de ir ao jardim de infância”;
Afetuosos	3	“Afetuoso com todas as crianças”; “Afetivo, criativo, carinho e a confiança transmitida a criança”;
Atencioso	3	“Experiência maravilhosa e ter um educador masculino foi exemplar e muito simpático atencioso com as crianças”; “Vejo um modelo muito atencioso e empático, que traz ao de cima o que há de melhor nos nossos filhos na creche”;
Paciente	3	“É paciente e sabe lidar com as frustrações das crianças”; “Inteira dedicação, muito paciente e sempre dinâmico e todos os dias a diversificar atividades. Foi o melhor educador que já conheci”;
Preocupado	3	“Muito afetuoso, amigo, preocupado e atento as crianças”; “Realmente muito preocupado com o bem-estar das crianças em sala”
Disponível	2	“A experiência foi bastante positiva, sendo uma pessoa sempre disponível para fazer atividades”; “Foi sempre muito disponível para falar e ajudar os pais com alguma questão”;
Excelente	2	“Excelente trabalho, inteira dedicação”;
Amigo	2	“Cativador, amigo, excelente profissional”;
Meigo	2	“Forte, paciente, meigo”;
Calmo	2	“Sempre muito calmo com as crianças”; “Para nós foi sempre calmo, tranquilo e natural. Acho que o mais importante é o educador ou educadora serem profissionais e empáticos para com as crianças”;
Criativo	2	“Muito enérgico, muito criativo. Sempre com atividades diferentes para as crianças”;
Transmitiu confiança	2	“Transmitiu confiança na primeira impressão e demonstrou ser uma pessoa acessível e muito querido com as crianças”;

- Indique alguns aspetos que considere negativos na experiência do seu educando com um educador de infância do género masculino:

A resposta a esta questão foi unânime onde praticamente todos os inquiridos afirmaram não ter aspetos negativos a apontar ao educador homem dos seus educandos, como podemos verificar na Figura 3 e na Tabela 6.

As famílias que, ao contrário da maioria, não negaram haver aspetos negativos avançaram que o género do educador não está relacionado com os aspetos negativos como podemos comprovar nas seguintes respostas: “Não considero que ser homem ou mulher tenha interferência”; “Não considero que existam aspetos negativos relacionados com o género do educador”; “É-me indiferente, não creio que existam diferenças”; “Para mim não há diferença”. Com exceção de uma mãe que demonstrou desconfiança em ter um educador Homem para os seus filhos e teve o seguinte comentário: “Inicialmente instruí os meus filhos que não era para ir com ele à casa de banho e nunca lhe pedir ajudar com nada relacionado à higiene íntima, e essas conversas que tive de ter foram desagradáveis, o mundo infelizmente deixou-me como mãe desconfiada de todos os homens”.

Figura 3

Aspetos negativos da experiência com educadores masculinos.



Tabela 6

Aspetos negativos da experiência com educadores masculinos.

Palavras	Frequência	Exemplos de respostas
Nenhum	14	“Nenhum”;
Não tenho nada a apontar/ assinalar/ a dizer/ de negativo	10	“Não tenho nenhum aspeto negativo”; “Não houve aspetos negativos”; “Nada”;
Não houve aspetos negativos	7	“Nada a apontar”; “Não tenho nada a dizer, pois minha filha gostou muito”;
Não há	4	“Não tenho aspetos negativos a apontar. O meu educando demonstrou gostar muito do educador desde o primeiro contacto”;

Ao analisarmos estas três nuvens de palavras e as respetivas tabelas relativas às respostas das famílias com educandos com educador de infância masculino, verifica-se, no geral, uma opinião positiva, havendo ainda assim uma minoria que não apoia a existência de homens na educação de infância, por ter desconfianças e inseguranças.

3.3.2 Perceção das famílias comparativamente entre os educadores homens e mulheres

As duas últimas nuvens de palavras, representadas nas Figuras 4 e 5, já são mais gerais e são referentes a perguntas presentes em ambos os questionários, ou seja, direcionadas a ambos os grupos de participante, com educadores de ambos os géneros.

Caminhando ao encontro dos seguintes objetivos estipulados para o presente estudo: conhecer as opiniões das famílias relativamente à figura masculina como educador de infância; comparar as opiniões das famílias com e sem experiência de crianças com educadores de infância masculinos.

• No seu ponto de vista deveria haver mais homens na educação de infância? Porquê?

Na generalidade a maioria das famílias mostrou-se aberta e recetiva em haver homens educadores de infância respondendo afirmativamente à questão como representado graficamente na Figura 4 e na tabela 7. Ainda assim três mães opuseram-se argumentando: “Eu como mãe sinto-me mais segura deixar minha filha com uma educadora mulher, simplesmente pelo fato da minha filha ficar mais à vontade na presença feminina. O único homem que ela aceita que a pegue no colo é o pai e o avô”; “Não acho que levam tanto jeito”; “Os riscos de abuso sexual são grandes de mais”. Alguns participantes disseram que os homens e as mulheres são profissionais iguais tendo as mesmas aptidões/capacidades, acrescentando que é bom haver igualdade e equilíbrio.

		“Pela presença masculina que proporciona modelos positivos do homem”;
Diversidade e equilíbrio	3	“São magníficos profissionais e trazem diversidade e equilíbrio à profissão”; “Proporcionam maior equilíbrio no seio da equipa docente”;
Equipas mistas são normalmente mais eficazes	3	“Equipas mistas são normalmente mais eficazes”; “Os homens pensam e agem de forma diferente das mulheres. São mais práticos e pragmáticos do que as mulheres, portanto, uma equipa formada por homens e mulheres é mais eficiente na educação da comunidade”;

• **Preferia entregar o seu filho/a um educador homem ou mulher? Justifique**

Na resposta a esta pergunta a grande maioria disse ser indiferente, como podemos verificar na Figura 5 e na Tabela 8.

No entanto houve alguns desvios a este padrão de resposta. No caso das famílias cujos educandos tinham educador masculino duas famílias preferiam entregar o filho/a filha a um educador Homem: “Pela experiência vivida com o meu filho”; “Preferencialmente homem, por tudo o que já referi anteriormente” e uma família expressou preferência por uma educadora mulher: “Por poder confiar mais facilmente principalmente com crianças pequenas ainda não verbais, a partir do momento que conseguem comunicar mais é mais indiferente”.

Já no questionário referente às famílias cujos educandos tinham educador feminino verificamos oito preferências em educadoras mulheres e nenhuma em educadores homens: “Porque ainda me é muito enraizado que as mulheres são as cuidadoras, uma coisa a mudar na minha cabeça”; “Sempre fui habituada a crescer com uma presença feminina na escola, por isso é o que me faz mais sentido”; “Há muitos abusos na infância pelo que o facto de ser um homem pode aumentar essa probabilidade”; “Sinto-me mais segura. Talvez esse pensamento seja de traumas que já vivi, mas não confio a minha filha com homens”; “Sinto mais segurança”; “A sociedade ainda tem uma ideia muito retrógrada enquanto à figura masculina por isso é muito difícil confiarmos na figura masculina”; “Mais amorosas”; “As mulheres são talvez mais sensíveis e se trabalham nesta área é porque à partida são verdadeiras cuidadoras, e porque quer queiramos quer não infelizmente o homem continua a ser mais propenso à prática de abusos sexuais”;

Figura 5

Preferia entregar o seu filho/a um educador homem ou mulher?

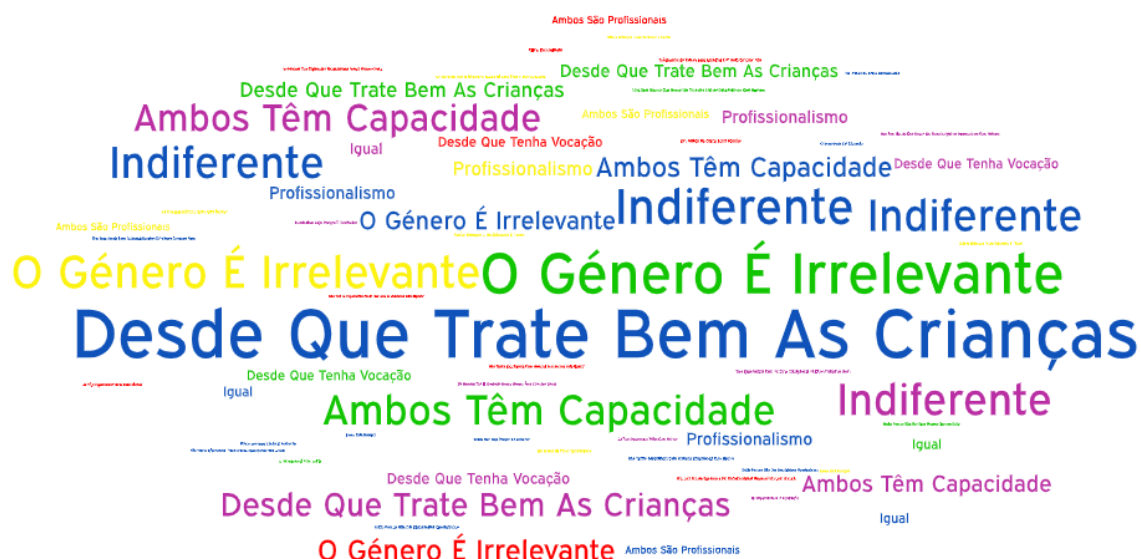


Tabela 8

Preferia entregar o seu filho/a um educador homem ou mulher?

Palavras	Frequências	Exemplos de respostas
Desde que trate bem as crianças	18	“Desde que atento e dedicado, o mais importante é que a crianças seja bem tratada”; “Desde que respeite as crianças, e as tratem com carinho e sem discriminação”; “O mais importante é que a crianças seja bem tratada”; “Desde que cuide bem das crianças”; “Desde que o meu filho goste da pessoa e seja bem tratado”; “Desde que respeite a criança e a trate com carinho”;
O género é irrelevante	15	“Se são educadores de infância é porque têm aptidão para isso, independentemente do género”; “O género do profissional é irrelevante, o importante é que estabeleça interações positivas com a criança”; “As valências como educador não devem em nada ser relevantes devido ao género”; “As características que aprecio são transversais aos dois géneros”; “O importante é que ele esteja num ambiente propício ao seu desenvolvimento, irrelevantemente do género de quem o dirige”;
Indiferente	13	“Se sentir confiança e afetividade, é me indiferente”; “É mesmo indiferente”; “Indiferente”; “Desde que tenha um educador para mim e me indiferente”; “Se pessoa for boa especialista, é me indiferente”; “Indiferente, desde que seja competente”;
Ambos têm capacidade	11	“Ambos são igualmente capazes de criar relações de confiança com as crianças”; “Acredito que ambos tenham a mesma capacidade no cuidado com as crianças”; “Desde que faça o seu papel como educador, pois ambos são capazes”; “Porque ambos sendo qualificados para tal, tem capacidade de ensinar e criar laços com uma criança”;
Profissionalismo/ Ambos são profissionais	8	“O que importa é o profissionalismo e entrega no desempenho da sua função”; “Acredito sempre no bom profissionalismo da pessoa”;

		“Porque ambos são profissionais e cumprem o papel de educador”;
Desde que tenha vocação	4	“Desde que seja um bom profissional, dedicado, empenhado e com vocação”; “Se tiver vocação e amor ao que faz”;
Igual	4	“Exatamente igual”; “Tanto faz é igual”;

4. Discussão dos resultados

Os resultados apresentados no estudo confirmam que há diferenças significativas na percepção das famílias sobre a presença de educadores masculinos e femininos na educação de infância. A análise estatística indica que prevalece uma tendência de valorização das educadoras femininas, especialmente quando comparadas diretamente aos educadores masculinos. Assim, foi possível ir ao encontro de todos os objetivos, uma vez que ficámos a conhecer a opinião das famílias sobre o educador masculino, famílias com e sem experiência com o profissional masculino, sendo possível comparar os pareceres de ambos os grupos de famílias.

Os dados recolhidos apontam no sentido de que ainda existem estereótipos enraizados que influenciam a visão sobre a presença masculina na educação de infância. Estando alinhados com o primeiro capítulo da Fundamentação teórica, indo ao encontro de Monteiro (2014), Oliveira (2012) e Santos et al. (2022) que afirmam que o preconceito de género influencia a aceitação dos homens na profissão, evidenciando que a construção histórica da educação de infância é um espaço feminino, o que dificulta a inclusão de homens.

No entanto, quando a avaliação dos educadores homens ocorre sem a comparação direta com as mulheres, ou é feita pelas famílias com crianças que tiveram um educador masculino, observa-se uma aceitação e um reconhecimento crescente do seu papel e das suas competências na área. Um dos aspetos mais marcantes dos resultados é a discrepância na forma como as famílias percebem os educadores, dependendo do género do profissional que acompanha o seu educando. Esse padrão de resposta sugere que a experiência direta com um educador homem pode influenciar positivamente a percepção das famílias sobre o papel masculino na educação de infância. As respostas indicam que os educadores masculinos foram capazes de estabelecer laços fortes com as crianças, demonstrando que o género não é um fator determinante para a qualidade do trabalho desempenhado, tal como afirma Lopes (2015).

Noutras palavras, aqueles que tiveram contacto com um profissional do género masculino puderam reconhecer as suas capacidades, desconstruindo parcialmente estereótipos tradicionais que associam o cuidado da infância exclusivamente às mulheres. Essa constatação reforça a importância da presença masculina na educação de infância, não apenas para promover a diversidade no ambiente escolar, mas também para modificar

percepções culturais e sociais, visando que os homens podem oferecer modelos positivos de masculinidade e contribuir para uma educação mais equilibrada e inclusiva. Estes resultados corroboram os estudos de Baliscei & Saito (2021) e Seco (2015), destacando que a presença masculina trás essas vantagens à educação de infância.

Ainda assim, nas respostas abertas observou-se uma resistência por parte de algumas famílias, mesmo quando o gênero do educador dos filhos é masculino. Especialmente no que diz respeito às tarefas que envolvem cuidados pessoais das crianças, indo ao encontro das ideias defendidas por Lopes (2015) e Monteiro (2014), presentes na Fundamentação teórica. Algumas mães relataram preocupações relacionadas à segurança e ao risco de abuso, o que demonstra que, apesar dos avanços na aceitação dos educadores masculinos, ainda existem barreiras culturais e sociais que dificultam a sua plena integração no setor. Esse tipo de receio reflete estereótipos negativos que associam a masculinidade ao perigo, reforçando a necessidade de campanhas de sensibilização para desconstruir mitos e promover uma visão mais justa e equilibrada sobre os educadores homens. (Oliveira, 2012; Seco, 2015)

As respostas às questões abertas acabam assim por responder às três questões de investigação propostas inicialmente para o presente estudo. Uma dessas questões abertas, se deveria haver mais homens na educação de infância, a maioria das famílias respondeu afirmativamente, argumentando que a presença masculina contribui para um ambiente mais diverso e enriquecedor. No entanto, algumas respostas demonstraram hesitação ou mesmo oposição à ideia, com argumentos baseados na segurança e na maior afinidade das crianças com figuras femininas. No que se refere à questão sobre a preferência entre um educador homem ou mulher para acompanhar os filhos. A maioria dos participantes afirmou ser indiferente, desde que o profissional seja competente e cuidasse bem das crianças. No entanto, observou-se um padrão de resposta interessante: enquanto nenhuma família com experiência com educadores masculinos demonstrou preferência exclusiva por uma educadora mulher, oito famílias cujos filhos tinham sido acompanhados apenas por educadoras femininas expressaram essa preferência. Esse dado reforça a hipótese de que a convivência direta com um educador homem pode ajudar a quebrar preconceitos e gerar maior aceitação da sua presença na educação de infância. Apesar da crescente aceitação dos homens na profissão, ainda há um longo caminho a percorrer para que a igualdade de gênero seja plenamente reconhecida na área.

Os resultados do estudo indicam que, apesar dos avanços na aceitação dos homens na educação de infância, ainda existem desafios significativos a serem superados. Os

estereótipos de gênero continuam a influenciar a percepção das famílias, levando a uma valorização maior das educadoras femininas, especialmente em contextos de cuidados diretos com as crianças. No entanto, a experiência prática com educadores homens mostrou-se um fator determinante na mudança dessa percepção, sugerindo que a ampliação da presença masculina na área pode ser uma estratégia eficaz para combater preconceitos e promover uma visão mais equitativa da profissão.

Assim, o estudo reforça também a necessidade de sensibilização social e políticas de inclusão para aumentar a participação masculina na educação de infância e com isto combater estereótipos que ainda limitam essa presença. É necessário um esforço contínuo para normalizar a presença de homens na educação de infância, isto porque a sua inclusão pode trazer benefícios para o desenvolvimento das crianças e para a evolução da própria profissão.

Considerações Finais

O presente estudo visou aprofundar a compreensão acerca da importância da figura masculina na educação de infância, com enfoque especial na percepção das famílias, elemento central na formação das crianças. A investigação, alicerçada numa abordagem quantitativa, permitiu explorar as diferenças de opinião entre famílias que tiveram contacto com educadores masculinos e aquelas cuja experiência se limitou a educadoras femininas.

A Fundamentação teórica proporcionou uma argumentação histórica e teórica sobre a predominância feminina na educação de infância, destacando como fatores culturais, sociais e até mesmo legais têm contribuído para consolidar a visão tradicional de que o “cuidar” é uma função inerentemente feminina. Esta perspetiva, enraizada desde os primórdios da pedagogia e perpetuada pelas construções sociais ao longo do tempo, constitui uma base para a problematização que motivou o presente estudo.

A problemática centrada na carência de educadores masculinos, levou à formulação de questões de investigação que visavam comparar as percepções de famílias com experiências diversas e identificar os principais obstáculos e vantagens associadas à presença de homens na profissão. A metodologia aplicada, por meio de questionários direcionados a dois grupos de famílias, permitiu não apenas quantificar essas percepções, mas também identificar padrões de resposta às questões de investigação iniciais. Assim, os resultados evidenciam que, embora o preconceito persista, a experiência direta com um educador do género masculino, tende a promover uma visão mais equilibrada e menos estereotipada, o que, por sua vez, reforça a ideia de que a inclusão de homens na educação de infância pode constituir um agente de mudança social.

No capítulo dos resultados, o estudo revelou diferenças significativas na percepção das famílias relativamente ao desempenho dos educadores. Demonstrando que, embora os estereótipos persistam, sobretudo no que diz respeito à atribuição de funções de cuidado, higiene e à associação de certas tarefas tradicionalmente de exclusividade feminina, as experiências diretas com educadores masculinos leva à desconstrução desses preconceitos. Os dados estatísticos apontaram que, em diversos itens do questionário, as famílias com experiência com educador homem reconheceram, por exemplo, a capacidade destes em estabelecer vínculos afetivos sólidos com as crianças, equiparando, em termos de profissionalismo e dedicação, o seu desempenho ao das educadoras

mulheres. Tal constatação evidencia que o gênero não deve ser visto de acordo com as competências, mas sim com vista à formação e à vocação, uma vez que desempenham um papel determinante no exercício da função educativa.

Este estudo apresenta aspetos originais, um deles reside na comparação direta entre as opiniões de famílias com e sem contato com educadores masculinos. Os dados sugerem que a presença do homem na educação pré-escolar não só enriquece o ambiente pedagógico, como também contribui para a quebra de paradigmas tradicionais. Em particular, as respostas às questões abertas revelaram que a convivência com educadores masculinos favorece a desconstrução de estereótipos. Como por exemplo, no que toca à preocupação com a segurança nas atividades de higiene, onde, apesar de alguma hesitação, muitas famílias reconhecem que a competência profissional prevalece sobre a questão do gênero.

O presente estudo enfatiza a importância de campanhas de sensibilização e de uma reestruturação da imagem do educador masculino nos meios de comunicação, de modo a combater os estereótipos que associam ou cuidam exclusivamente à figura feminina. O uso de imagens e narrativas que evidenciam homens a desenvolver tarefas típicas das mulheres pode, progressivamente, transformar a mentalidade social e criar modelos positivos de masculinidade.

Investir na formação contínua não só dos futuros educadores, mas também das equipas pedagógicas, permite uma compreensão maior e mais acessível das diferenças de gênero. Ao capacitar os profissionais para enfrentar e desconstruir preconceitos, promove-se um ambiente de trabalho mais inclusivo e dinâmico, em que as competências de cada indivíduo são valorizadas independentemente do gênero.

O incentivo à investigação sobre a atuação dos educadores masculinos e à divulgação de estudos que evidenciam os benefícios da sua presença contribui para a construção de uma base de conhecimento sólida e atualizada. Tal abordagem favorece não só, tomadas de decisões informada por parte dos políticos responsáveis, mas também fornece bases para a reestruturação curricular e para a promoção de mudanças legislativas que possam atrair mais homens para a profissão.

Estas soluções não representam apenas estratégias de intervenção, mas também um caminho viável para uma mudança cultural e estrutural na educação de infância. A implementação destas medidas pode, a médio e longo prazo, contribuir para a criação de

ambientes educativos mais equilibrados, inclusivos e representativos, onde o gênero deixa de ser um fator determinante para a escolha ou o desempenho profissional. Na Fundamentação teórica, foram apresentadas estas soluções que visam promover uma mudança profunda na mentalidade da sociedade relativamente à presença de homens na educação de infância. Assim, como propostas para estudos futuros que se debrucem sobre a temática em análise, destacamos ser fundamental para além de inquirir as famílias através das perguntas acabar por forma-las de alguma forma, através dessas mesmas soluções.

Em suma, a presente investigação evidencia que, embora persistam estereótipos e barreiras culturais que limitam a presença de homens na educação de infância, a experiência empírica demonstra que a inclusão do educador masculino traz benefícios, tanto para as crianças, que passam a ter acesso a modelos de referência mais diversos, como para a própria profissão, que se enriquecem com a pluralidade de abordagens e experiências.

Este trabalho não só consolidou meu percurso académico e profissional, como também me proporcionou uma reflexão profunda sobre os desafios e oportunidades presentes na educação de infância. Contribuir para a desconstrução de preconceitos enraizados e promover a inclusão dos homens na profissão é, sem dúvida, um passo essencial para a evolução do sistema educativo e para a construção de um futuro mais justo e equilibrado.

Referências Bibliográficas

- Anunciação, L. (2021). *CONCEITOS E ANÁLISES ESTATÍSTICAS COM R E JASP*. Canadá : Nila Press.
- Araújo, L., Brito, R., & Leite, S. (s.d.). *GUIA PARA A ELABORAÇÃO DE TRABALHOS ESCRITOS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS*. Lisboa.
- Associação de Profissionais de Educação de Infância. (s.d.). Obtido de <https://apei.pt/>
- Baliscei, J. P., & Saito, H. T. (2021). *Há um Homem na Educação Infantil! Masculinidades e Ações Pedagógicas de Cuidados e Educação de Crianças*. Niterói: e.
- Bryman, A. (2016). *Social Research Methods*. Leicester: Oxford University Press.
- Cardona, M. J. (1997). *Para a História da Educação de Infância em Portugal*. Lisboa: Porto Editora.
- Carvalho, M. C. (2014). *Estudo da mediação e do uso da informação nos arquivos distritais*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Cortez, M. G. (2008). *Género Masculino e a Profissão do “Cuidar”*. Lisboa.
- Decreto-Lei n.º 255/98 de 11 de agosto. Diário da República n.º 184/1998, Série I-A. Ministério da Educação.
- Dionísio, M. d., & Pereira, I. (2006). *A educação pré-escolar em Portugal - Concepções oficiais, investigação e práticas*.
- EDUSTAT. (27 de novembro de 2024). *Educadores de infância em exercício por sexo*. Obtido de <https://www.edustat.pt/indicador?id=446>
- Espadinha, C., Santos, S., & Morato, P. (2020). *MANUAL DE REDAÇÃO DE DOCUMENTOS CIENTÍFICOS NA FMH*. Lisboa.
- Gouveia, H. M. (2012). *Das Beiras para o Centro*. Aveiro: Escola Superior de Aveiro .
- Hill, M. M., & Hill, A. (2008). *Investigação por Questionário*. Portugal: Edições Sílabo.
- Lei Constitucional n.º 1/97 de 20 de setembro. Diário da República n.º 218/1997, Série I-A. Assembleia da República.
- Lei de Bases do Sistema Educativo-Lei n.º 46/86 de 14 de outubro. Diário da República n.º 237/1986, Série I. Assembleia da República.
- Lei-Quadro da Educação Pré-escolar-Lei n.º 5/97 de 10 de fevereiro. Diário da República n.º 34/1997, Série I-A. Assembleia da República.

Lei n.º 5/77 de 1 de fevereiro. Diário da República n.º 26/1977, Série I . Assembleia da República.

- Lopes, E. S. (2015). *A Presença Masculina na Creche: Estariam os Educadores Homens Fora do Lugar?* São Paulo.
- Machado, M. E. (2022). *O Professor Homem Como Estrangeiro na Educação Infantil: Pesquisas e Relatos Docentes*. Ponta Grossa.
- Miranda, R. J. (2009). *Qual a relação entre o pensamento crítico e a aprendizagem de conteúdos de ciências por via experimental?: um estudo no 1º Ciclo*. Lisboa : Faculdade de Ciências .
- Monteiro, M. K. (2014). *Trajetórias na Docência: Professores Homens na Educação Infantil*. Campinas.
- Nogueira, T. M. (2017). *Homens na Educação de Infância: Um Estudo Qualitativo sobre Experiências e Desafios*. Fafe.
- Oliveira, A. S. (2012). *Construção e Desenvolvimento da Identidade Profissional do Educador de Infância - Percursos no Masculino: Um estudo de três casos*. Lisboa.
- Pires, C. M. (2013). *A voz da criança sobre a inovação pedagógica*. Minho.
- Reis, R. F. (2022). *Centro de Estudos e Sondagens de Opinião*. Obtido de Centro de Estudos e Sondagens de Opinião:
https://www2.ucp.pt/site/custom/template/ucptpl_ctr.asp?sspageID=3406&lang=1
- Santos, M. H., Cruz, E. F., & Marques, A. M. (2022). *Gênero e Pré-Escola: Experiências e Estratégias de Homens Educadores de Infância*. Lisboa.
- Sarmiento, T. (2001). *Correr o risco: Ser homem numa profissão 'naturalmente' feminina*. Minho: Universidade do Minho.
- Sarmiento, T. (2009). *As Identidades Profissionais em Educação*. Braga: Universidade do Minho.
- Seabra, F. I. (2010). *Ensino Básico: Repercussões da Organização Curricular por Competências na Estruturação das Aprendizagens Escolares e nas Políticas Curriculares de Avaliação*. Braga: Universidade do Minho- Instituto de Educação e Psicologia.
- Seco, T. M. (2015). *O Papel do homem na educação de infância: Construção de uma identidade profissional no masculino*. Lisboa.
- Silva, G. M., & Quintella, C. (2021). *Metodologia da pesquisa científico- tecnológica e inovação*. Salvador: Pofnit.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (s.d.). *Direção-Geral da Educação*. Obtido de Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar:
https://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes_Curriculares.pdf

Vilhena, C. (1997). *Jardim de Infância de Lisboa: O primeiro jardim de infância em Portugal*. Lisboa.

Word Art. (31 de agosto de 2009). Obtido de Word Art: <https://wordart.com/>

Anexos

Anexo 1- Questionário referente às famílias com educadores homens

O meu nome é Augusto Queiroz, sou estudante no ISEC Lisboa (Instituto Superior de Educação e Ciências) e frequento o curso de Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1ºciclo.

O presente questionário destina-se à realização do relatório final de mestrado e tem como objetivo principal conhecer as opiniões das famílias acerca das figuras masculina e feminina como educadores de infância.

As respostas ao questionário serão tratadas de forma confidencial e anónima. Por favor não escreva o seu nome ou outros dados suscetíveis de revelar a sua identificação.

Agradeço desde já a sua participação e disponibilidade neste questionário de tamanha importância para mim e para a conclusão do meu curso.

1- Figura parental que desempenha:

Pai

Mãe

Outro, por favor especifique_____

2- Faixa etária:

18-25 anos

26-35 anos

36-45 anos

46-60 anos

61-70 anos

>70 anos

3- Habilitações literárias:

1º Ciclo

2º Ciclo

3º Ciclo

Ensino secundário

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

Outra, por favor especifique _____

4- Qual a valência que o seu educando frequenta/frequentou:

Creche

Jardim de infância

5- Idade da criança _____

6- Número de irmãos _____

7- Indique o seu grau de concordância com cada uma das seguintes afirmações:

	Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não concordo nem discordo
A Mulher tem características mais adequadas às funções de educador/a de infância do que o Homem.					
Os homens são capazes de desempenhar as funções de educador de infância de forma tão eficiente/responsável como as mulheres.					
Os homens não devem ser educadores de infância, pois têm menos sensibilidade e jeito para lidar com as crianças do que as mulheres.					
Os meios de comunicação influenciam e moldam ideias, criando desconfiança e questionamentos no que diz respeito ao Homem na educação.					
As mulheres têm mais tolerância com as crianças do que os homens.					
Os educadores de infância homens são importantes porque proporcionam às crianças modelos positivos do papel/figura masculina.					
A educação de infância deve ser uma área profissional apenas para mulheres.					
O educador Homem consegue dar resposta às necessidades afetivas das crianças.					

Muitos educadores homens sofrem de preconceito, o que faz com que se sintam constrangidos, inseguros e pressionados.					
--	--	--	--	--	--

8- A experiência com educador do gênero masculino foi por sua escolha própria? Qual foi a primeira impressão quando soube que iria ser um educador Homem?

Sim

Não

9- Indique alguns aspetos que considere positivos na experiência do seu educando com um educador de infância do gênero masculino:

10- Indique alguns aspetos que considere negativos na experiência do seu educando com um educador de infância do gênero masculino:

11- No seu ponto de vista deveria haver mais homens na educação de infância? Porquê?

Sim, porque _____

Não, porque _____

12- Preferia entregar o seu filho/a um educador homem ou mulher? Justifique

Homem, _____

Mulher, _____

Indiferente, _____

Obrigado pela sua participação!

Anexo 2- Questionário referente às famílias com educadoras mulheres

O meu nome é Augusto Queiroz, sou estudante no ISEC Lisboa (Instituto Superior de Educação e Ciências) e frequento o curso de Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1ºciclo.

O presente questionário destina-se à realização do relatório final de mestrado e tem como objetivo principal conhecer as opiniões das famílias acerca das figuras masculina e feminina como educadores de infância.

As respostas ao questionário serão tratadas de forma confidencial e anónima. Por favor não escreva o seu nome ou outros dados suscetíveis de revelar a sua identificação.

Agradeço desde já a sua participação e disponibilidade neste questionário de tamanha importância para mim e para a conclusão do meu curso.

1- Figura parental que desempenha:

Pai

Mãe

Outro, por favor especifique_____

2- Faixa etária:

18-25 anos

26-35 anos

36-45 anos

46-60 anos

61-71 anos

>70 anos

3- Habilitações literárias:

1º Ciclo

2º Ciclo

3º Ciclo

Ensino secundário

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

Outra, por favor especifique _____

4- Qual a valência que o seu educando frequenta/frequentou:

Creche

Jardim de infância

5- Idade da criança _____

6- Número de irmãos _____

7- Sabia da existência de educadores de infância homens?

Sim

Não

8- Indique o seu grau de concordância com cada uma das seguintes afirmações:

	Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não concordo nem discordo
A Mulher tem características mais adequadas às funções de educador/a de infância do que o Homem.					
Os homens são capazes de desempenhar as funções de educador de infância de forma tão eficiente/responsável como as mulheres.					
Os homens não devem ser educadores de infância, pois têm menos sensibilidade e jeito para lidar com as crianças do que as mulheres.					
Os meios de comunicação influenciam e moldam ideias, criando desconfiança e questionamentos no que diz respeito ao Homem na educação.					
As mulheres têm mais tolerância com as crianças do que os homens.					
Os educadores de infância homens são importantes porque proporcionam às crianças modelos positivos do papel/figura masculina.					

A educação de infância deve ser uma área profissional apenas para mulheres.					
O educador Homem consegue dar resposta às necessidades afetivas das crianças.					
Muitos educadores homens sofrem de preconceito, o que faz com que se sintam constrangidos, inseguros e pressionados.					

9- No seu ponto de vista deveria haver mais homens na educação de infância? Porquê?

Sim, porque _____

Não, porque _____

10- Preferia entregar o seu filho/a um educador homem ou mulher? Justifique

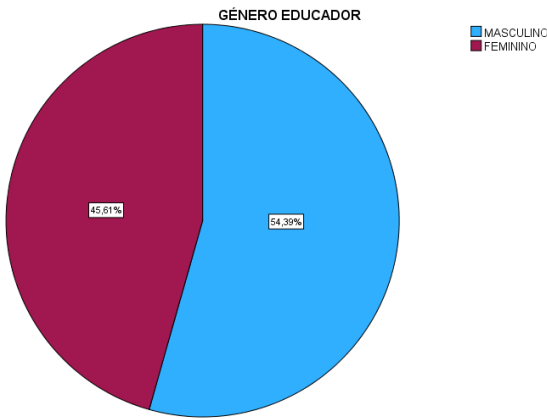
Homem, _____

Mulher, _____

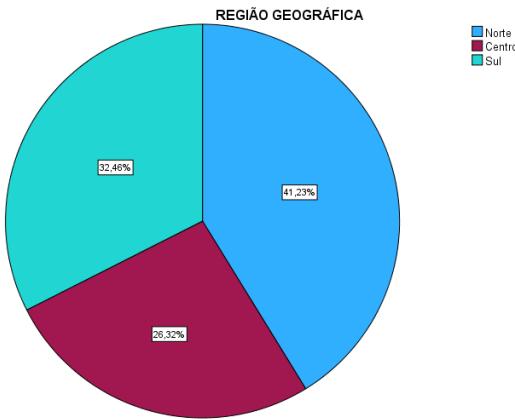
Indiferente, _____

Obrigado pela sua participação!

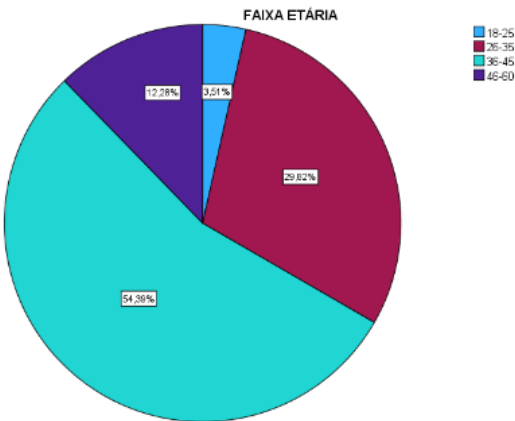
Anexo 3- Gráfico do gênero do educador dos filhos/educandos dos inquiridos.



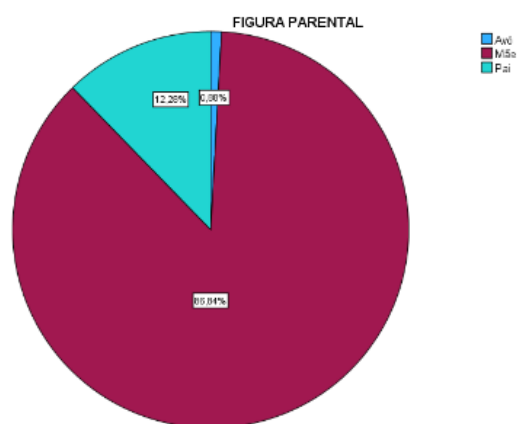
Anexo 4- Gráfico referente à região geográfica dos inquiridos.



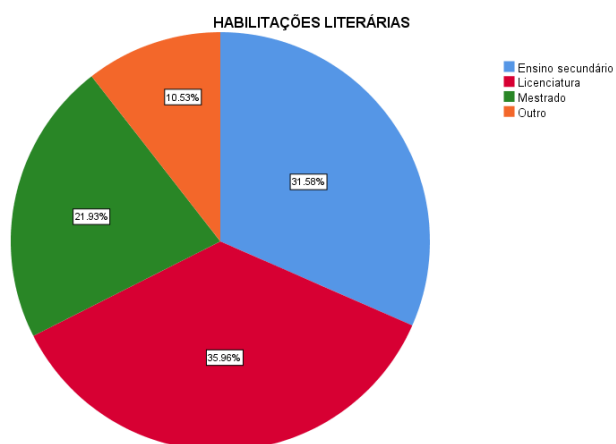
Anexo 5- Gráfico referente à faixa etária dos inquiridos.



Anexo 6- Gráfico referente à figura parental dos inquiridos.



Anexo 7- Gráfico referente às habilitações literárias dos inquiridos.



Anexo 8- Gráfico referente à valência que os filhos/educandos frequentam ou frequentaram.

